



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
CENTRO DE FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE, AMBIENTE E
QUALIDADE DE VIDA**

**MANEJO, EXTRAÇÃO, USO E BENEFICIAMENTO DA PALHA DO TUCUMÃ
POR MULHERES DA RESERVA EXTRATIVISTA TAPAJÓS-ARAPIUNS, PARÁ,
BRASIL**

**SANTARÉM - PA
2021**

ANDREA ARAÚJO DA SILVA

**MANEJO, EXTRAÇÃO, USO E BENEFICIAMENTO DA PALHA DO TUCUMÃ
POR MULHERES DA RESERVA EXTRATIVISTA TAPAJÓS-ARAPIUNS, PARÁ,
BRASIL**

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida da Universidade Federal do Oeste do Pará, como requisito para a obtenção do grau de Mestra em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida.

Linha de Pesquisa: Políticas Públicas, Diversidade e Desenvolvimento Amazônico.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Almeida Vieira

Coorientadora: Prof^ª. Dr^ª. Andrea Simone Rente Leão

SANTARÉM - PA
2021

ANDREA ARAÚJO DA SILVA

**MANEJO, EXTRAÇÃO, USO E BENEFICIAMENTO DA PALHA DO TUCUMÃ
POR MULHERES DA RESERVA EXTRATIVISTA TAPAJÓS-ARAPIUNS, PARÁ,
BRASIL**

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida da Universidade Federal do Oeste do Pará, como requisito para a obtenção do grau de Mestra em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida.

Linha de Pesquisa: Políticas Públicas, Diversidade e Desenvolvimento Amazônico.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Almeida Vieira

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Andrea Simone Rente Leão

Data da Aprovação: 24/02/2021.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Thiago Almeida Vieira (UFOPA/PPGSAQ)
- Presidente/Orientador

Prof^a. Dr^a. Andrea Simone Rente Leão (UFOPA/ICS)
- Coorientadora

Prof^a. Dr^a. Helionora da Silva Alves (UFOPA/PPGSAQ)
- Examinadora Interna

Prof. Dr. Sebastião Rodrigues da Silva Junior (UFPA/PPLSA)
-Examinador Externo

Prof. Dr. Everton Cristo de Almeida (UFOPA/IBEF)
-Examinador Externo

Aos meus pais Idelcy e Monteiro,
irmão Adriano,
meu filho Filipe,
meus avós
minhas tias (os),
primas (os),
em especial ao meu
eterno tio/pai Delídio (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as bênçãos recebidas.

À minha família, que me fez ser esta pessoa e que sempre me fortaleceu durante esta jornada, assim como, em todos os momentos da minha vida.

Ao meu querido e amado Delídio (*in memoriam*) por sempre me amar e acreditar no meu potencial.

A minha segunda família que herdei ao me casar com Jairo.

Ao meu filho Filipe por todo carinho e compreensão.

Ao meu companheiro Jairo por todo o suporte e incentivo.

À Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA e ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida.

Ao professor Thiago Vieira pela orientação, oportunidades, conhecimentos transmitidos, contribuições durante o desenvolvimento da pesquisa e pelas diversas conversas ao longo do mestrado, mostrando acima de tudo o seu lado humano.

A professora Andrea Leão, por aceitar em me coorientar e pelas sugestões e conversas para melhoria da dissertação.

À banca examinadora, pela disposição em participar do nosso trabalho.

Aos professores João Ricardo Gama e Renato Ribeiro pela generosidade, compartilhamento de conhecimento e principalmente, por sempre estarem dispostos a me acolher.

À Tapajoara, pelo apoio necessário à realização desta pesquisa.

Ao Dinael, por ter acreditado e apoiado a pesquisa.

A Zilda França moradora de São Miguel e artesã, pelas inúmeras conversas que esclareceram minhas dúvidas quanto aos dados e por ter me acolhido em sua casa com todo carinho e conforto.

A Andrea Almeida por disponibilizar muitas informações e incentivar o desenvolvimento da pesquisa.

Aos amigos que conquistei na graduação, Liz, Jéssica, Talita, Khatarine, Karla e Nilton. Girlene por sempre está disposta a contribuir. E aos colegas da pós-graduação, Farias, Luzi, Gabi, Marcelo, Raylon.

As meninas lindas da secretaria do programa PPGSAQ, Joice e Estelina.

Aos moradores da comunidade de São Miguel, em especial às artesãs que são as principais responsáveis por esta pesquisa, por toda atenção e informação compartilhadas.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram por mais esta conquista em minha vida.

“Quando você estuda tudo se transforma”.

Delídio

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

- S586m Silva, Andrea Araújo da
Manejo, extração, uso e beneficiamento da palha do tucumã por mulheres da reserva extrativista Tapajós – Arapiuns - Brasil. / Andrea Araújo da Silva. – Santarém, 2021.
70 p. : il.
Inclui bibliografias.
- Orientador: Thiago Almeida Vieira
Coorientadora: Andrea Simone Rente Leão
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós Graduação e Inovação Tecnológica, Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida.
1. Agroextrativismo. 2. Amazônia. 3. Socioeconomia. I. Vieira, Thiago Almeida, *orient.* II. Leão, Andrea Simone Rente, *coorient.* III. Título.

CDD: 23 ed. 634.99098115

Bibliotecária - Documentalista: Renata Ferreira – CRB/2 1440



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA
CENTRO DE FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE, AMBIENTE E QUALIDADE DE VIDA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

No vigésimo quarto dia do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e um, às quatorze horas e trinta minutos, por meio remoto [meet.google.com/ira-fahj-xev], instalou-se a banca examinadora de dissertação de mestrado da discente Andrea Araújo da Silva. A banca examinadora foi composta pelos professores: Dr. Sebastião Rodrigues da Silva Junior, UFPA, Examinador Externo à Instituição, Dr. Everton Cristo de Almeida, UFOPA, Examinador Externo ao Programa, Dra. Helionora da Silva Alves, Examinador Interno, Dra. Andrea Simone Rente Leão (Coorientadora), UFOPA, Externa ao Programa, e Dr. Thiago Almeida Vieira orientador da discente. Deu-se início a abertura dos trabalhos por parte do professor, Thiago Almeida Vieira, presidente da banca, que, após apresentar os membros da banca examinadora e esclarecer a tramitação da defesa, solicitou a discente que iniciasse a apresentação da dissertação, intitulada "Manejo, Extração, Uso e Beneficiamento da Palha do Tucumã por Mulheres da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, Pará, Brasil", marcando um tempo de quarenta minutos para a apresentação. Concluída a exposição, o professor Thiago Almeida Vieira, passou a palavra aos examinadores para arguir a discente. Terminadas as arguições, o presidente da banca solicitou aos presentes que se retirassem da sala, para a realização do julgamento do trabalho, concluindo a Banca Examinadora por sua **APROVAÇÃO**, conforme as normas vigentes na Universidade Federal do Oeste do Pará. A versão final da dissertação deverá ser entregue ao programa, no prazo máximo de sessenta dias, contendo as modificações sugeridas pela banca examinadora. Conforme o Artigo 57 do Regimento Interno do Programa, a discente não terá o título se não cumprir as exigências acima.

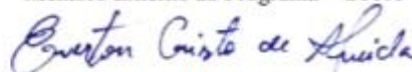

Prof. Dr. Thiago Almeida Vieira
Orientador/Presidente



Prof.ª Dra. Andrea Simone Rente Leão
Coorientadora -UFOPA



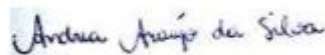
Prof. Dr. Sebastião Rodrigues da Silva Junior
Membro Externo ao Programa – UFPA



Prof. Dr. Everton Cristo de Almeida
Membro Externo ao Programa - UFOPA



Prof.ª Dra. Helionora da Silva Alves
Membro Interno – UFOPA



Andrea Araújo da Silva
Discente

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar os aspectos do manejo, extração, produção e comercialização de artesanato da palha do tucumã realizado por artesãs na comunidade de São Miguel, na Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns (Pará, Brasil), enfatizando a contribuição econômica, social e ambiental da atividade. Para esta pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, visando obter informações referentes aos dados pessoais, perfil socioeconômicos das famílias das artesãs e informações sobre a matéria prima e suas principais utilizações. A confecção de artesanato da palha de tucumã é um processo coletivo de criação e reafirmação contínua da identidade da região, que envolve técnicas do conhecimento tradicional e saberes indígenas. O artesanato proveniente da palha do tucumã é comercializado em lojas localizadas em Santarém e em praias próximas a Resex para turistas que frequentam a região. Para a confecção do artesanato, é necessário a realização de cinco etapas que são a coleta da guia, retiradas dos talos e espinhos, secagem, pigmentação e produção das peças. A coleta da palha de tucumã inicia pela retirada de uma guia de cada touceira da palmeira, sendo possível nova coleta após 45 dias. O processo de secagem da matéria prima, se dá de duas formas: utilizando a luz do sol; e utilizando o forno de torrar farinha em temperatura elevada. Após a secagem da matéria prima, ocorre a pigmentação das palhas, que é realizado no quintal das casas das artesãs com corantes naturais, extraídos a partir de plantas encontradas na região. Após a pigmentação, é realizado a produção das peças de artesanato, em que são fabricados principalmente porta joias, biojoias, porta lápis, bandejas, luminárias e cestarias. De maneira geral, o artesanato com a palha do tucumã era uma importante fonte de renda complementar, mas com o passar do tempo essa atividade vem se tornando a fonte de renda principal das famílias, contribuindo de maneira significativa para a melhoria da qualidade de vida do grupo familiar das artesãs.

Palavras-Chave: Agroextrativismo. Amazônia. Socioeconomia. Produto florestal não-madeireiro. *Astrocaryum vulgare*.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the aspects of management, extraction, production and commercialization of handicrafts from *tucumã* straw made by women handicrafts in the community of São Miguel, Tapajós-Arapiuns Extrativist Reserve (Pará, Brazil), emphasizing economic, social and environmental contributions of activities. For this research, we conducted semi-structured interviews, seeking to obtain information regarding the weight given, the socioeconomic profile of the families of the crafts and information on the raw material and their main uses. A craftsmanship of the *tucumã* palm is a collective process of creation and continuous reaffirmation of the regional identity, which involves traditional knowledge techniques and indigenous knowledge. The *tucumã* handcraft is commercialized in stores located in Santarém and on the beach near Resex for tourists who frequent the region. For the making of handicrafts, it is necessary to conduct 5 stages that follow the line of the guide, removing of stalk and thorns, drying, pigmentation and production of item. The collection of *tucumã* straw begins by removing a guide from each clump of the palm tree, and a new collection is possible after 45 days. The drying process of the raw material is done in two ways: using sunlight; and using an oven of roasting cassava flour at high temperature. After drying the raw material, straw pigmentation, which has been made not five hundred houses of crafts with natural dyes, extracted from region species. After a pigmentation, and made to produce artisan pieces, in which they are manufactured mainly jewelry holders, biojewelry, pencil holders, trays, lighting fixtures and baskets. Generally, the *tucumã* straw handcraft was an important source of complementary income, but more like passing the time this activity is becoming the main source of income for families, contributing significantly to improving the quality of life of the handcraft woman family group.

Keywords: Agroextractivism. Amazonia. Socioeconomics. Non-timber forest product. *Astrocaryum vulgare*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Representação gráfica de indivíduo adulto de <i>Astrocaryum vulgare</i> Mart.....	21
Figura 2 – Mapa de localização da Comunidade de São Miguel na Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, Pará, Brasil.....	27
Figura 3 - Na imagem (a) temos o grupo familiar descascando a mandioca para colocar na água. Na imagem (b) matriarca da família asando cabeça de suíno para alimentar toda a família. Na imagem (c) Hora da merenda.....	35
Figura 4 - Fluxograma da comercialização das peças artesanias de palha de tucumã em São Miguel na Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns.	36
Figura 5 - A imagem mostra detalhe do ponto “olhinho” ou furadinho (a) o mais tecido em São Miguel, Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, Brasil. A imagem (b) mostra o ponto “miudinho” criado pela dona Josefa.	40
Figura 6 - As imagens (a) e (b), mostram a criação de porcos. Na imagem (c) está o local onde os porcos ficam presos e na imagem (d) mostra a cerca que delimita a área onde a criação é mantida dentro da área de coleta de palha.	42
Figura 7 - Na imagem (a) é o momento da coleta da palha, neste caso com ajuda de um homem. Na imagem (b) a artesã realiza a coleta da guia em uma palmeira de porte baixo. A imagem (c), a artesã faz o primeiro beneficiamento, retira os folíolos que estão presos na ráquis.....	44
Figura 8 - Imagem (a), a artesã está eliminando os espinhos da “costa” da palha. Na imagem (b) as pontas estão sendo eliminadas. Na imagem (c) a artesã me ensina como eliminar os espinhos e as pontas da palha.	45
Figura 9 - Nas imagens (a) e (b) palhas expostas ao sol no processo de secagem.	Erro!
Indicador não definido.	
Figura 10 - Processo de secagem o forno nas imagens (a), (b) e (c) chamado de “escaldar”.	Erro! Indicador não definido.
Figura 11 – Nas imagens (a) e (b) mostram o momento em que é separado o “talo” da palha para prosseguir com a pigmentação. Na imagem (c) mostra as palhas sem o talo.....	49
Figura 12 - Material utilizado para as pigmentações naturais: Capiroanga (a), Açafraão (b), Crajiru (c), Urucum (d) e Jenipapo (e).	50
Figura 13 - Na imagem, estão as cores mais comuns que são produzidas pelas artesãs da esquerda para direita as combinações naturais: Capiroanga, Mangarataia com Urucum, Jenipapo com Mangarataia, Crajiru, Mangarataia com a “borra” da Capiroanga e com Crajiru, Jenipapo.	51

- Figura 14** - Na imagem (a) tem-se o ralo, instrumento utilizado para ralar a mangarataia e o jenipapo. Nas imagens (b) e (c), tem-se a panela com água e a pigmentação natural submetida ao fogo.53
- Figura 15** - Na imagem (a) está o processo de pigmentação com folhas de crajiru. Na imagem (b) é com as folhas de capiranga “abafadas” na panela. Na imagem (c) finalizando a pigmentação com mangarataia.54
- Figura 16** - No mosaico de fotos (a,b,c,d,e,f) mostra o momento em que as artesãs tecem suas peças, seja no discando do almoço ou no momento em que cuidam dos seus filhos ou até mesmo quando sentam em frente de suas casas para olhar o movimento da comunidade.55

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -Tabela de informações socioeconômicas das artesãs de São Miguel, Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, Brasil.	33
Tabela 2 - Preço das peças artesanais de palha de tucumã comercializados nas lojas do Cristo Rei, Cooperativa Turiarte e na Comunidade de São Miguel, Santarém (PA, Brasil).	38

LISTA DE SIGLAS

CEAPAC - Centro de Apoio a Projetos de Ação Comunitárias

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CIMI - Conselho Indígena Tapajós Arapiuns

DAP - Diâmetro a Altura do Peito

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

OIT - Organização Internacional do Trabalho

PFNM - Produtos Florestais Não Madeireiros

PSA - Projeto Saúde e Alegria

SISBIO - Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade

STTR - Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Santarém

TAPAJOARA - Organização das Associações e Moradores da Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TIs - Terras Indígenas

TURIARTE - Cooperativa de Turismo e Artesanato da Floresta

UC - Unidade de Conservação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2. OBJETIVOS	17
2.1 Objetivo Geral	17
2.2 Objetivos Específicos	17
3. REVISÃO DE LITERATURA.....	17
3.1 Produtos Florestais Não-Madeireiros.....	17
3.2 Palmeiras na Amazônia	19
3.2.1 Botânica e Ecologia do Tucumanzeiro.....	20
3.2.2 Tucumã e seus Usos	22
3.3 Tucumã, Povos Tradicionais e Espaços Influenciados pela Produção Artesanal	24
4. MATERIAL E MÉTODOS	26
4.1 Área de Estudo.....	26
4.2 Coleta de Dados	28
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	32
5.1 Caracterização Socioeconômica	32
5.3. Histórico e Uso Tradicional da Palha do Tucumã em São Miguel	38
5.4. Artesanato e o Registro do Saber Fazendo	41
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
7. REFERÊNCIAS	58
APÊNDICES	66
ANEXOS	67

1 INTRODUÇÃO

A crescente preocupação com a manutenção da floresta em pé e com seu uso sustentável possibilita o surgimento de novas ideias sobre a relação existente entre economia e meio ambiente, podendo alcançar o desenvolvimento sustentável dos povos da floresta, na medida em que conciliam o equilíbrio social, associado aos valores étnicos e culturais, incluindo prudência ecológica e eficiência econômica (STÉFANI et al., 2018).

As florestas tropicais oferecem um gama de recursos com seus altos índices de diversidade biológica e um conjunto extenso de produtos com potencial exploratório, e com grandes extensões de hectares protegidas por lei, como Unidades de Conservação – UC ou Terras Indígenas – TIs, que são habitadas por povos e comunidades tradicionais que estabelecem ao longo das gerações, relações diferenciadas com a floresta e seus recursos (GOMES et al., 2014).

A percepção ambiental possibilita compreender essas relações existentes entre o sociedade e a natureza, além de mostrar as perspectivas e sentimentos em relação aos recursos utilizados, transparecendo o relacionamento cognitivo, ancestral, emocional e cultural com as atividades que realizam (SCHIEL et al., 2003).

São informações que permitem conhecer os valores que envolvem uma determinada atividade e os efeitos decorrentes dela. Além disso, estimulam e fornecem subsídios para que ocorra sua continuação e articulação de estratégias assertivas para consolidar os objetivos propostos em um determinado estudo ou atividade a ser realizada.

Dentro desse mosaico de recursos atrelados às relações estabelecidas, os Produtos Florestais Não Madeireiros – PFNM oriundos de florestas nativas, destacam-se por apresentar potencial de incentivo econômico e bem-estar das comunidades tradicionais, indígenas ou não, bem como em muitas comunidades agroextrativistas onde essa produção é à base da sua economia, além de contribuir para economias nacionais e globais (FIEDLER et al., 2008; GOMES et al., 2014; BRASIL, 2019).

No Brasil, a produção dos PFNMs representa cerca de 35% do montante do extrativismo florestal e nos últimos 10 anos essa produção vem crescendo e movimentando nas diversas regiões brasileiras mais de 10 bilhões de reais (BRASIL, 2019). Fornecem alimentos, fármacos e renda para cerca de 20% da população mundial, com destaque às mulheres e crianças (FAO, 2015). Dessa maneira, o extrativismo de coleta de PFNMs se constitui como alternativa para a consolidação de práticas que possuam o compromisso com as questões que envolvam o econômico, social e ambiental.

Como acontece na Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, às margens do rio Arapiuns e Tapajós, onde atualmente os moradores desta UC desenvolvem sete cadeias produtivas, dentre elas está o artesanato em palha de tucumã - *Astrocaryum vulgare* Mart., atividade extrativista que mostra sua importância, proporcionando renda, alimento, qualidade de vida e bem-estar das populações que fazem uso desse e outros recursos da floresta (KLAUBERG, 2014), além de refletir agregação da disponibilidade dos recursos naturais e o manuseio sincronizado (SHANLEY; MEDINA, 2005), em que as artesãs manipulam as palhas.

Essa atividade expressiva é desenvolvida por mulheres nas comunidades ao longo da UC como: São Miguel, Vila Gorete, Vila Brasil, Vila Coroca, Arimum e Urucureá, onde populações tradicionais utilizam esse recurso para confecção de artesanatos como tradição, alinhada à conservação dos recursos naturais (MEDEIROS, 2013).

Na comunidade de São Miguel, por exemplo, a prática do artesanato em palha de tucumã é a segunda fonte de ocupação para as mulheres que fazem parte do grupo ArtePalha com aproximadamente 15 artesãs atuantes, contam com suporte do Projeto Saúde e Alegria – PSA, uma organização não governamental que atua na UC apoiando a cadeia do artesanato em palha desde o ano de 1995 (CEAPS/PSA, 2011).

Essa prática oferece à mulher artesã um papel de transformação e mudanças, valorização da mão de obra que possibilita a construção de uma nova realidade social, familiar e autoestima, elevando a mulher ao seu protagonismo. Além disso, as mulheres artesãs ocupam um papel importante na economia e constroem um caminho direto para a igualdade de gênero e crescimento econômico inclusivo.

Ainda que a maior parte dos estudos sobre o tucumã cite sua importância, utilidade e potencial, as informações quanto ao mercado, e seu manejo, não são disponíveis, dificultando ações públicas e privadas visando ao planejamento e desenvolvimento de sua cadeia produtiva. Para que essa prática seja realmente apresentada como alternativas viáveis para a promoção da conservação e desenvolvimento das comunidades tradicionais, é necessário ainda observar aspectos inerentes à valorização do produto do extrativismo, e dos próprios extrativistas, esclarecer aspectos acerca do conhecimento botânico, ecológico, técnicas de manejo, além de viabilizar sua comercialização (PEREIRA et al., 2016).

Dessa forma, é importante a realização de pesquisas que estudem as diferentes experiências, no sentido de se estimular a criação de ações públicas vinculadas à atividade extrativista que abranjam as especificidades das diversas realidades, além de proporcionar

resultados conclusivos sobre o rendimento e real potencial do produto para as comunidades (ELIAS; SANTOS, 2016).

Desse modo, o estudo dos aspectos de manejo do tucumã para uso de sua palha propicia aportes situados entre a relação de uso do recurso natural, comercialização e as relações que são estabelecidas na rede de sociabilidade, além dos valores que podem assumir os objetos culturais na área de manejo.

Nesse contexto o presente trabalho se enfoca na seguinte questão científica: a palha do tucumã *Astrocaryum vulgare* apresenta potencial de manejo, geração de renda que possibilite melhor qualidade de vida e empoderamento aliado ao protagonismo das mulheres artesãs de São Miguel? Admitimos como hipótese que o manejo da palha do tucumã possui grande importância no contexto socioeconômico e ambiental, além de contribuir com a qualidade de vida e empoderamento das artesãs pertencentes à comunidade de estudo.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar os aspectos do manejo, extração, uso e beneficiamento da palha de tucumã para a produção de artesanato realizado por artesãs na comunidade de São Miguel, Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns (Pará, Brasil).

2.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar o perfil socioeconômico das mulheres que trabalham com artesanato de palha de tucumã na Comunidade, identificando os processos de comercialização do ponto de vista de onde as artesãs comercializam seus produtos.
- Descrever as atividades de manejo, extração e beneficiamento da palha do tucumã na comunidade São Miguel, Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, para a produção de artesanato.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Produtos Florestais Não-Madeireiros

São produtos obtidos dos recursos naturais, e que são utilizados para o consumo humano, entre eles: plantas medicinais, extratos, frutas, bagas, nozes, mel, cortiças,

resinas, taninos, folhagens de adorno, musgos, samambaias e óleos essenciais (BENTES-GAMA, 2005; FIEDLER et al., 2008).

Segundo Fiedler et al. (2008), aproximadamente 12.000 plantas vêm sendo utilizadas para a alimentação, porém apenas 2.000 foram domesticadas e cerca 150 são cultivadas comercialmente e aproximadamente 300 espécies correspondem a 90% da oferta mundial de alimentos.

Esses produtos são uma alternativa de renda, apresentam potencial de incentivo econômico para diminuir a retiradas das florestas. Além disso, se fazem presentes nos mercados regionais e internacionais, sendo considerados importantes como matéria-prima para várias indústrias (GUERRA, 2008; SILVA, 2014).

Os PFNMs são utilizados por diversas comunidades rurais, pois são recursos de subsistência, uma vez que suplementam a produção agrícola por meio de insumos nutritivos essenciais, ervas medicinais, entre outros Elias (2013). Além disso, as comunidades tradicionais estabelecem uma relação de respeito e cuidado com as florestas, pois as percebem como a benfeitora que provê suas subsistências e satisfazem suas necessidades culturais e espirituais (ELIAS, 2013).

Os múltiplos usos da floresta por essas comunidades têm como objetivo o manejo dos recursos naturais renováveis, de modo que sejam utilizados em uma combinação que melhor atinja a satisfação das necessidades econômicas, sociais e culturais da população, e sem restringir o uso de um único produto da floresta (por exemplo a madeira), mas também seriam levados em consideração os diversos produtos não madeireiros e seus benefícios (GUERRA et al., 2009).

A Amazônia disponibiliza ampla variedade de categorias de PFNMs, como cascas, ramos, cipós, folhas, frutas, flores, sementes, raízes, dentre outros, com alto valor comercial para demandas significativas, tanto no mercado interno, como externo. Alguns desses produtos se destacam por alcançar cota mensurável bastante significativa do mercado (SHANLEY; GALVÃO, 2005).

O manejo dos PFNMs é uma etapa importante para aliar sustentabilidade com desenvolvimento socioambiental, visto que, funciona como uma alternativa ao desmatamento, como geradora de renda e trabalho para populações da zona rural e urbana, onde são explorados e comercializados, respectivamente (BALZON, 2006).

Apesar da diversidade de PFNMs e de sua grande importância socioeconômica, verifica-se que ainda existem poucas informações referente à quantidade, mercado, processo de produção, manejo, industrialização e comercialização desses produtos. O que

implica na necessidade de se lançar mão de estratégias mercadológicas necessárias que estimulem o crescimento e desenvolvimento dessa atividade (FIEDLER et al., 2008), sobretudo de produtos oriundos de palmeiras.

3.2 Palmeiras na Amazônia

Na região Amazônica as palmeiras distribuem-se tanto nas florestas densas como em abertas, várzeas, campos de várzea, exercendo em cada estrutura desses ecossistemas, funções específicas. Lorenzi (2009) mostram que a flora amazônica apresenta de 200 a 250 espécies, constituindo a maior diversidade de palmeiras do Brasil e representa um dos principais recursos vegetais para os povos amazônicos, despertando interesse para a atividade de manejo.

Nessa região, as palmeiras recebem terminologias regionais, como “buritis”, “tucumãs”, “inajás”, “marajás”, “jarinas” e “açais”, e são extremamente abundantes, tanto nos estratos inferiores, quanto no dossel florestal (BACELAR et al., 2016). A distribuição espacial das palmeiras não é homogênea, influenciada por condicionantes abióticos (textura do solo, gradiente luminoso e relevo), bióticos (polinizadores e dispersores), além de fatores antropogênicos que atuam de forma complexa, influenciando nos padrões de abundância e ocorrência da espécie (LEVIS et al., 2012).

Vale ressaltar, que mesmo diante do rico mosaico de espécies presentes na Amazônia, e os avanços nas pesquisas, ainda são poucas as informações sobre sua distribuição e fitossociologia (LORENZI, 2009), quando comparadas às espécies lenhosas. Um dos fatores que pode contribuir para essa escassez de estudos, pode estar relacionado aos critérios utilizados nos recortes da amostragem em função do Diâmetro a Altura do Peito - $DAP \geq 30$, mínimo considerado nos inventários florísticos da Amazônia, que acaba excluindo as palmeiras (ROCHA; SILVA, 2005).

As palmeiras são beneficiadas competitivamente por altos níveis de perturbação e intensa incidência de luz solar (SALM et al., 2011). Conforme Salm et al. (2005), essa relação é ainda mais expressiva entre as palmeiras arborescentes de grande porte, que comumente necessitam de clareiras robustas para seu desenvolvimento, uma vez que não possui crescimento secundário, o que não acontece com as árvores dicotiledônea. Os autores ainda destacam que, as espécies de palmeiras arborescentes de grande porte são infrequentes em áreas primitivas e bem drenadas da Amazônia.

As florestas que não apresentam níveis altos de perturbação e mais densas possuem baixa do quantitativo de palmeiras de grande porte, que se tornam mais altas na

medida em que a floresta torna se mais aberta, essas palmeiras são favorecidas competitivamente por altos níveis de perturbação e forte incidência de luz solar necessitando de clareiras para se desenvolver (KAHN; GRANVILLE, 1992).

3.2.1 Botânica e Ecologia do Tucumanzeiro

O gênero *Astrocaryum* pertence à família botânica Arecaceae (Palmeiras), encontrado por toda a extensão da América do Sul, passando pela América Central e chegando até o México (HAYNES; MCLAUGHLIN, 2000). As palmeiras estão presentes em todas as partes da bacia amazônica, em áreas ribeirinhas (também denominadas de florestas pantanosas), em florestas de terra firme que possuem áreas bem drenadas, e em áreas de savanas com condições mais secas, estando presentes em solos argilosos ou arenosos (KAHN e MOUSSA 2008).

Constituindo assim, um dos grupos mais importantes ecologicamente dentre as plantas, as palmeiras são as mais características da flora tropical, de modo que da planta são aproveitadas, em geral, todas as partes da planta, que são utilizadas de diversas formas, como na alimentação, para fins medicinais (NASCIMENTO e OLIVEIRA, 2011), artesanato (MEDEIROS, 2012), entre outros usos.

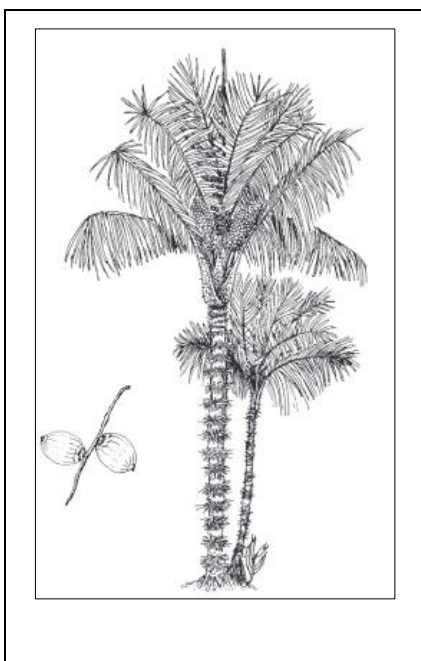
Palmeiras desse gênero apresentam características variadas, podendo ser tipo caule (estipe subterrânea), estipes de médio e grande porte solitário ou em touceiras, possuem espinhos pretos, afiados, cobrindo o estipe chegando até 30 cm de comprimento (SODRÉ, 2005). O gênero *Astrocaryum* compreende 24 espécies amazônicas, sendo cinco delas pertencente ao subgênero *Pleiogynanthus* e 19 ao *Monogynanthus* (LIMA et al., 2006; HENDERSON, 1995). O subgênero *Pleiogynanthus* é definido pela presença de várias flores pistiladas na base da ráquila, com fruto de pericarpo liso e com folhas apresentando pinas orientadas em várias direções (com exceção da espécie colombiana *Astrocaryum malybo* H. Karst) (LIMA et al., 2006).

Já *Monogynanthus* é caracterizado pela presença de uma única flor pistilada na base da ráquila, com fruto de pericarpo espinhoso e com folhas de pina regularmente arranjadas em um plano (exceto para *Astrocaryum alatum* H. F. Loomis, espécie da Costa Rica) (HENDERSON, 1995). Uma nova classificação do gênero *Astrocaryum* é apresentada por KAHN e MOUSSA (2008), o gênero é dividido em três subgêneros (*Astrocaryum*, *Munbaca* e *Monogynanthus* com 16, 4 e 20 espécies cada) e várias novas seções e subseções são descritas com uma chave para cada espécie. Para o autor, o *Astrocaryum* é composto por 40 espécies distribuídas em 12 países, onde está bem

representado no Brasil, Peru, Colômbia e as Guianas com 26, 14, 11 e 10 espécies respectivamente, dessas, oito são espécies são endêmicas no Brasil, quatro na Colômbia e quatro no Peru.

O tucumanzeiro (*Astrocaryum vulgare* Mart), como representado na Figura 1, também conhecido por tucumã-do-Pará, é uma palmeira encontrada na Guiana Francesa, Guiana, Suriname e no Brasil, sendo que neste último, está presente nos estados Amapá, Goiás, Maranhão, Pará, Piauí, Tocantins (KAHN e MOUSSA 2008). É reconhecida por ser perene, apresentar porte arbóreo, ter vários estipes em touceiras, presença de espinhos em sua grande parte e frutos alaranjados (CYMERYYS, 2005; OLIVEIRA et al., 2003).

Figura 1 – Representação gráfica de indivíduo adulto de *Astrocaryum vulgare* Mart.



Fonte: Cymerys (2005).



Fonte: acervo autora (2020).

Os tucumanzeiros são considerados plantas pioneiras que se desenvolvem em solos pobres e são resistentes ao impacto do fogo, principalmente por apresentar características morfológicas e anatômicas que possibilitam o rebroto desde a base até o ápice da planta (BARLOW et al., 2012).

Astrocaryum vulgare floresce entre os meses de março a julho e frutifica no período chuvoso entre os meses de janeiro a abril e se realizar o manejo da espécie, sua frutificação pode ocorrer durante todo o ano (OLIVEIRA, 2003). Seus frutos geralmente apresentam forma elipsoide e semente arredondada variando de 0,6 a 2,9 cm de diâmetro com epicarpo e mesocarpo de coloração alaranjada, com aroma característico (ALMEIDA, 2008). Os frutos apresentam de três a cinco centímetros de comprimento, e sua polpa de dois a quatro milímetros de espessura com consistência pastosa e oleosa (OLIVEIRA et al., 2003).

Os frutos do tucumã são geralmente de forma elipsoide, sementes arredondadas, com epicarpo e mesocarpo de cor alaranjada, com aromas característicos, presença de grandes quantidades de óleos e fibras com alto valor energético (FERREIRA et al., 2008). Anualmente uma palmeira produz de dois a três cachos, mas podem chegar a mais de cinco, com peso médio entre 10 a 30 quilos, com 200 a 400 ou mais frutos, produzindo cerca de 50 quilos de frutos por ano, mesmo em solos pobres (CYMERYYS, 2005).

A riqueza de vitaminas em seus frutos, aliada a suas inúmeras utilidades na culinária e no artesanato, fazem com a espécie tenha um excelente potencial econômico (NASCIMENTO e OLIVEIRA, 2011; OLIVEIRA et al., 2003). Seus frutos são utilizados na alimentação humana (ROCHA; SILVA, 2005) e animal com a inserção da farinha do resíduo do tucumã como ingrediente alternativo nas rações de poedeiras comerciais (RUFINO et al., 2015). As folhas das palmeiras apresentam características que permitem que elas sejam utilizadas na construção de casas (ARRUDA, 2013), bem como na confecção de artesanatos utilizando a palha de tucumã por ribeirinhos (CRUZ, 2010) e pelas populações tradicionais e povos indígenas (ALMEIDA, 2008).

Por apresentar distribuição em forma de “manchas” (várias plantas aglomeradas), Cymerys (2005) aborda a dificuldade em estudar a densidade populacional do tucumanzeiro, podendo não ser encontrado em grandes extensões de hectares, bem como em concentrações com mais de 50 palmeiras em um único hectare.

3.2.2 Tucumã e seus Usos

As potencialidades e os valores econômicos, ecológicos, ornamentais e alimentares das palmeiras são grandes, pelos diferentes produtos que delas podem ser extraídos e usados, seus usos vão desde a alimentação até o uso medicinal, além da utilização nas áreas de paisagismo, arborização e artesanal. Além de serem fonte de alimento, na produção de suco, vinho, sorvete e picolé, os frutos são também utilizados

pelas indústrias de cosméticos na fabricação de sabonetes, xampus, hidratantes e cremes faciais (LORENZI, 1966).

Outro uso a se destacar, é para produção de essências e aromatizantes, do óleo e a polpa, essa última, utilizada como importante ingredientes na culinária amazônica no preparo de pratos típicos da região (CYMERYYS, 2005; LORENZI, 1966), como na cidade de Manaus no estado do Amazonas, onde o tucumã *Astrocaryum aculeatum* Meyer destaca na culinária contemporânea, sendo importante componente nos cafés regionais da cidade.

É possível obter dois tipos de óleo dos frutos do tucumã, como ocorre com a palmeira africana do dendê (*Elaeis guineensis* Jacq.): um advém da polpa com coloração alaranjada, possibilitando seu uso na culinária, e até substituir o azeite de dendê; e o outro tipo é extraído a partir das amêndoas, também comestíveis, mas com características diferentes do primeiro (PESCE, 2009).

O tucumanzeiro foi a primeira palmeira a ser inserida prioritariamente dentro dos programas de pesquisa fomentados pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa, como uma das espécies nativas da Amazônia com potencial viável para geração de biodiesel por apresentar componentes desejáveis para serem utilizados no mercado (LIMA et al., 2013; OLIVEIRA et al., 2011). Além disso, Stachiw et al. (2016) destacaram que a palmeira se apresenta como uma oleaginosa com maior potencial de produção de biodiesel, pelo alto teor de lipídios e possibilidade de obter o produto de qualidade.

Entretanto, pouco se conhece sobre o manejo de populações naturais ou aspectos agronômicos dessa palmeira, e a partir de então, estudos e pesquisas foram realizados em busca de informações que possam subsidiar seu cultivo em escala comercial, tal como a indicação de sementes melhoradas (OLIVEIRA et al., 2011).

O endocarpo do fruto é utilizado na confecção de biojoias como pulseiras, anéis, colares e brincos. As peças são consideradas por alguns povos tradicionais da Amazônia, como amuletos de proteção contra doenças e mal olhados (CYMERYYS, 2005).

A palha é um importante componente na confecção de artesanatos (CRUZ, 2010), como rede de pesca, sacolas, cestos, cordas, tecidos, chapéus e cobertura de casas, dentre outros; os espinhos são aproveitados na confecção de brincos e utilizados como agulhas para tecerem varandas de redes de descanso; o palmito agrega alto valor alimentício e industrial; e as raízes possuem valor medicinal (CYMERYYS, 2005).

O fruto do tucumã faz parte da alimentação de suínos e aves, proporcionando rápido aumento em massa nos suínos devido seu alto valor calórico, e no caso das aves, os frutos conferem uma coloração amarelada à carne, aspecto considerado positivo para o consumo e a estipe é utilizada como esteio na construção de casas rústicas, em infraestrutura que dão suporte na criação de animais de grande porte, como bovinos (LIMA et al., 2013).

A polpa é nutritiva alta concentração de provitamina A e E, rica em fibras e ômega 3, 6 e 9, apresenta poder antioxidante e seu consumo fortalece o sistema imunológico, além disso, quimicamente o óleo extraído da polpa do tucumã apresenta propriedades anti-inflamatórias e na indústria de cosméticos é um excelente hidratante corporal e produtos capilares (FERREIRA et al., 2008; MORAIS; GUTJAHR, 2012; BONY et al, 2012; OLIVEIRA et al., 2011).

3.3 Tucumã, Povos Tradicionais e Espaços Influenciados pela Produção Artesanal

O debate quanto o que é território, numa concepção social e histórica, muitos autores diferenciam espaço de território, abordando que o segundo é, na verdade, um produto do primeiro, o qual, por sua vez, se trata de um local de interações. É da forma como atores e agentes interagem e se apropriam e usam o espaço, o que inclui seus recursos naturais e atividades atóricas, que emergem processos de territorialidade e identificação (DANTAS; MORAIS, 2008).

A ideia de território ultrapassa uma visão inicial sobre seus limites e fronteiras ou sobre o comportamento no espaço e alcança uma compreensão sobre como o espaço é apropriado e transformado, ou seja, usado, o que inclui a interação entre homem e os objetos, naturais e artificiais, presentes no espaço (REIS; ZANETTI, 2017).

No aspecto cultural, o território é notado como um construto sócio-histórico, idealizado pela forma como os sujeitos se identificam com os objetos, naturais e artificiais, presentes no espaço. Ademais, essa identificação ocorre por meio das formas de uso dos recursos presentes em um território, que estão atreladas as formas de vivência e condições de sobrevivência, seja no âmbito simbólico quanto concreto (ALBUQUERQUE; NASCIMENTO, 2015).

Esses espaços são uma manifestação simbólica quando constituída por meio de assimilações do espaço e seus recursos, o que ocorre atrelado a representações culturais, advindas do imaginário e de atividades de trabalho (FERNANDES; ZANELLI, 2006). Com os povos tradicionais essa manifestação, que se baseiam principalmente em

extrativismos e produção artesanal, suas atividades são muito variáveis entre si e muito distintas das sociedades mais urbanas, o espaço enquanto um território está, em muito, conectado a identidade cultural.

Nesse inteire é um resultado próprio das interações sociais e das trocas e transmissões de valores, experiências e símbolos, ou seja, a cultura. Para os povos tradicionais, como ribeirinhos, castanheiros, seringueiros etc. o ambiente natural permeia seu modo de vida, uma vez que as condições impostas pela natureza e pela disponibilidade de recursos moldam sua vivência, significados dados ao espaço e forma como constroem e transmitem saberes e perpetuam crenças e valores (HALL, 2008).

Essa dinâmica é construída ao longo do tempo, pois esses povos refletem na sua cultura um vasto conhecimento sobre a biodiversidade amazônica, transmitido através de gerações, construindo um acervo de informações sobre a região, onde essas populações detêm habilidades para manejar a floresta de forma autossuficiente numa relação estreita com a natureza.

Essa interdependência é o exemplo de uso sustentável de maneiras variadas da diversidade biológica na tradição cultural desses povos, a exemplo da comunidade Céu do Juruá no Amazonas, em que os extrativistas utilizam as folhas da palmeira do tucum, espécie endêmica da região amazônica, na confecção de redes, tarrafas, linhas para anzol, cordas, além de utensílios próprios como chapéus, bolsas e saias (ABREU; NUNES, 2012).

A técnica do trançado da palha também faz parte da vida de mulheres das comunidades pertencentes a Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, onde o teçume em palha de tucumã vem como uma tradição possibilitando o resgate de identidades grupais ou étnicas (THOMSON, 2002). Quilombolas no Mato Grosso fazem o uso da palha na cobertura de casas e artesanatos (ARRUDA, 2013), e as mulheres quilombolas do Vale do Guaporé no Mato Grosso, utilizam as palhas para a confecção de artesanato, além de aproveitarem o coco do babaçu, a castanha, o açaí e o buriti (CRUZ, 2010).

Essas atividades unidas à conservação dos recursos naturais fortalece o empoderamento das mulheres envolvidas nesta atividade, mudando todo o cenário de dependência, minimizando as desigualdades de gênero, uma vez que as peças artesanais dos produtos oriundos de uma cadeia de valor, alcançam o mercado nacional e internacional contribuindo com o processo de construção de identidade social do grupo ou comunidade envolvida (MEDEIROS, 2013).

As palmeiras são um grupo muito importante para a manutenção da qualidade de vida os indígenas do território Krahò, localizado no nordeste do Estado do Tocantins, pois fazem uso da planta para a alimentação, construções diversas e artesanato, porém a reserva ter em seu entorno atividades de pecuária extensiva com grandes projetos de monocultura agrícola começando a se fixar próximo ao território oferecendo riscos a integridade dos ecossistemas existentes (NASCIMENTO et al., 2009).

Nessa perspectiva, a manifestação física da cultura tradicional no espaço e território se trata da delimitação cultural, o que inclui a fabricação de utensílios artesanais que expressam cultura a partir das possibilidades advindas dos recursos disponíveis e que tipificam e singularizam sujeitos. Dessa forma, é importante ressaltar que a carência de conhecimentos e estudos acerca dos aspectos ecológicos e etnoculturais das palmeiras podem ser considerados indispensáveis para a conservação dos recursos genéticos aliado com conhecimento tradicional da espécie.

4. MATERIAL E MÉTODOS

4.1 Área de Estudo

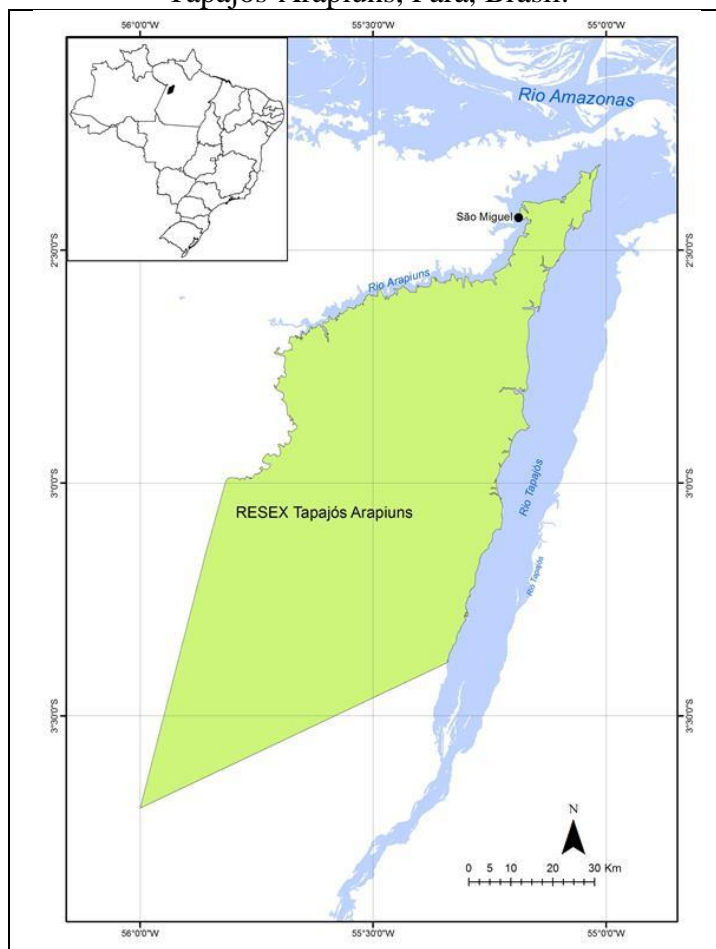
Santarém está localizada num rico mosaico com abundante biodiversidade e belezas cênicas, no encontro do rio Tapajós e Amazonas, em áreas de solo fértil, de floresta consolidada e nos registros arqueológicos sua ocupação data antes de sete mil anos atrás, por civilizações com dinâmicas urbanas, cultura própria e organização social (GOMES, 2020). É uma das cidades ancestrais do estado do Pará, habitada inicialmente por índios Tupaius que desenvolviam atividades de caça, pesca e produção agrícola que abastecia a economia do município, essas atividades ainda são realizadas pelas populações tradicionais que habitam esse território (PMS, 2016).

O município apr ROOSEVELT esenta em sua tipologia UC's de uso sustentável como a Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns e assentamentos rurais como o Projeto de Assentamento Agroextrativista Eixo Forte, que contribuem para composição de um ambiente fortemente vinculado à floresta e às práticas tradicionais que são presentes na região (GOMES; CARDOSO, 2019).

Dentro dessa dinâmica, o estudo foi realizado em São Miguel, uma das comunidades que compõe a Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, como mostra a Figura 02. Essa reserva foi criada por Decreto s/n de seis de novembro de 1998 (BRASIL, 1998), resultado de anos de luta da população da região contra madeireiros que

exploravam de forma predatória os seus abundantes recursos florestais. É caracterizada como uma UC de Uso Sustentável, e está localizada na região oeste do Estado do Pará, abrange os municípios de Santarém e Aveiro com 72 comunidades e sete processos de identificação de Terras Indígenas com cinco grupos identificados e mapeados dentro da Unidade que está situada entre a margem esquerda do Rio Tapajós e a margem direita do Rio Arapiuns, numa área total de 647.610,74 ha (MMA, 2008).

Figura 2 – Mapa de localização da Comunidade de São Miguel na Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, Pará, Brasil.



Fonte: Elaboração da Autora (2020).

Nesse recorte, a comunidade de São Miguel, bem como outras dentro da UC, desde meados de 1996, demandavam manifestações contra a presença de madeiras que extraíam de forma ilegal o produto madeireiro na área e a atuação abusiva dos chamados “regatões”, nome dados aos comerciantes que praticavam a troca de mercadorias por borracha em embarcações ao longo das margens do rio (CEAPS, 2015).

São Miguel está entre uma das mais atuantes dentro das decisões dos Conselhos que fazem parte da gestão da Reserva, que é constituído por representantes de órgãos públicos, de organizações da sociedade civil e das comunidades tradicionais residentes

na área. A comunidade fica localizada em ponto estratégico, entre as comunidades de Raposa (rio abaixo) e de Tucumã (rio acima), e possui ao seu redor belas praias como Ponta Grande, Ponta do Caracarái e Ponta da Morena que proporciona a atividade de ecoturismo de base comunitária despontando como uma atividade alternativa.

São Miguel nasceu em meados dos anos de 1948, quando seu Antônio Colares Cardoso, popular Chumbico, morador da localidade onde hoje é a comunidade, doou aproximadamente dois hectares para construção de uma igreja católica e uma escola, sendo os primeiros passos para o surgimento da comunidade de São Miguel, que aos poucos foi acolhendo seus moradores que antes frequentavam a comunidade da Coroca (CEAPS, 2012).

Na comunidade residem 98 famílias, as casas são algumas de alvenaria, outras de madeira, variando a cobertura entre telha de fibrocimento e cobertura de palha; entre os pisos de cimento, lajotas e de terra batida (ICMBIO, 2014). O acesso à informação e comunicação se dá por meios de TV e em alguns pontos da comunidade é possível ter acesso a sinal para telefonia móvel.

Os comunitários fazem parte de movimentos e organizações sociais, existem no local representantes e associados no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Santarém – STTR e na Colônia de Pescadores Z-20 de Santarém, que os auxiliam nas suas reivindicações e defesa dos seus direitos. A assistência à saúde é feita por meio de atendimento no posto de saúde, a partir de serviços básicos as 98 famílias de São Miguel e para comunidades vizinhas (CEAPS, 2012).

As manifestações culturais na comunidade são representadas: pelo grupo de carimbó Cheiro de Patchuli; pelas marchinhas de carnaval, que se destacam pela participação significativa dos idosos; pela Piracaia, realizada principalmente nas noites de luar na margem do rio; e pela produção do artesanato. Além disso, as festas religiosas são bem expressivas, sendo que na comunidade existem três igrejas – duas evangélicas, a Igreja da Paz e a Batista, e uma Católica, a de São Miguel, padroeiro da comunidade, com festejos ocorrendo todo mês de setembro, quando também festejam o Santo São Domingos.

4.2 Coleta de Dados

É importante destacar que a alma deste trabalho nasceu de uma relação estabelecida com populações tradicionais e a paixão lúcida pela floresta e pelos povos que nela e por ela vivem. Até aqui, durante toda a trajetória acadêmica procurei entender

mais a fundo sobre a dinâmica dessas populações que vivem às margens do Rio Arapiuns, povo que me acolheu e me reconheceu como um dos seus.

Nesse percurso de desenvolvimento da pesquisa nos deparamos com os percalços aliados a COVID-19 que afetou significativamente todo o projeto desenhado. E o desafio foi pensar em novas estratégias alinhando novos caminhos com a comunidade para seguir o fluxo da pesquisa entendendo que a experiência de campo é aliada a etnografia enquanto método de pesquisa que a partir das experiências vividas o pesquisador constrói a teoria etnográfica do determinado lugar de pesquisa de forma coletiva. Dessa forma um novo arranjo para adequar às novas limitações impostas pelo distanciamento social impactou na metodologia, exigindo na prática a capacidade de adaptação.

Com aceite da organização TAPAJOARA em mãos e ainda com a ciência da liderança do grupo de mulheres, me desloquei para realizar a coleta de dados em São Miguel dias antes do decreto que inviabilizava a entrada de pessoas na Unidade. Tomando todos os cuidados necessários no combate ao vírus, foi possível realizar parte do trabalho de campo, porém inviabilizando por completo o inventário das touceiras de palmeiras de tucumã existentes na área de manejo realizado pelas artesãs da comunidade.

Diante desse contexto, foram delineados alguns caminhos metodológicos bem pragmáticos, de cunho etnográfico, que abordam as observações e estudo de campo que direcionam para o “ponto de vista do nativo” como forma de compreender e apresentar o grupo de estudo (MALINOWSKI, 1976, p. 37). Essa abordagem permite correlatar que a etnografia exige presença com a reflexão sistemática sobre o que se vê e ouve em campo (OLIVEIRA, 2000). A trajetória tem a finalidade de alcançar os objetivos propostos, assumindo características de cunho quanti-qualitativa.

Nesse sentido, as simbologias que representam a cultura de um povo podem ser compreendidas e interpretadas pela etnografia, adotando-se estratégias de imersão em campo com técnicas de coleta de dados que devem ser (re)pensadas na prática e na reflexão antropológica, estabelecendo um arranjo de observações sistemáticas encontradas em campo pelo pesquisador/observador (GEERTZ, 1997).

Na concepção de Mattos (2011), a pesquisa etnográfica é uma ferramenta que possibilita entender e vivenciar a forma do convívio social, familiar e organizacional comunitário ou individual. Nessa perspectiva, em campo vai-se além do significado do olhar do nativo, a partir do momento que consegue entender, perceber e descrever esse arranjo a sua maneira, sendo capaz de integrá-la de acordo com seu aparato intelectual, seus valores e percepção. Esse é um *insight* e uma forma de estreitar laços com a própria

abordagem etnográfica que orienta o pesquisador a perceber as singularidades sociais, culturais e religiosas que compõe cada local (MAGNANI, 2009).

O caminho metodológico estabelecido abraça uma combinação de métodos, além de ao longo da pesquisa ir delineando a partir de dados secundários a construção de um referencial teórico interdisciplinar. Essa pesquisa bibliográfica pode ser definida como: contribuições culturais ou científicas realizadas de um determinado assunto, tema ou problema que possa ser estudado (LAKATOS; MARCONI, 2001).

Para Lakatos e Marconi (2001, p. 183), a pesquisa bibliográfica,

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...]

Os dados primários foram obtidos por meio da observação participante alimentada de uma convivência com as artesãs, guiada pelos modos de vivência de cada uma delas. Para isso o aporte metodológico utilizado se refere a pesquisa descritiva que visa estudar as questões trazendo uma análise mais precisa e detalhada dos fatos, fazendo uso de mecanismos análogos para coleta e análise, como uso de questionários com questões abertas e fechadas (GIL, 2010).

Para as entrevistas é importante ressaltar que o estudo foi realizado seguido as normas e exigências do Conselho de Saúde, a partir dessa orientação, foi elaborado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice A) ferramenta a qual os participantes expressam o seu consentimento para participação da pesquisa. Com esse termo a entrevistada declara que foi informada de maneira clara, minuciosamente e por escrito, da justificativa, dos objetivos e dos procedimentos metodológicos usados no estudo.

O TCLE foi impresso em duas vias, sendo que uma foi entregue ao participante do estudo e outra arquivada, por um recorte temporal de cinco anos, posterior todo material será queimado. Com o TCLE devidamente assinado e entregue a participante seguiu com a técnica da observação que foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, aplicado com contato direto com as artesãs com duração em média de 45 minutos cada uma. De forma bem leve e fluida, as entrevistas foram conduzidas, anotando-se as declarações conforme Triviños (2013).

Ressalto que o projeto foi submetido e aprovado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio, via plataforma Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade - SISBio, para autorização da pesquisa, no território da UC em questão. Ainda a pesquisa foi cadastrada no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado (SISGEM) sob o número do protocolo A41D274, além de protocolar na Organização das Associações e Moradores da Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns – Tapajoara.

Em paralelo, submetemos esta pesquisa a um Conselho de Ética em Pesquisa – CEP, por meio da Plataforma Brasil, em conformidade com a Resolução CNS/MS 466/2012, tendo sido aprovado pelo Parecer 3.835.126, pelo CEP da Universidade do Estado do Pará, Campus XII – Tapajós (Anexo 1). Além disso, protocolado na Organização das Associações da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns – Tapajoara (Anexo 2) e posterior apresentar a comunidade São Miguel, onde foi realizado o estudo.

As entrevistas semiestruturadas (com perguntas abertas e fechadas) aconteceram nos dias 25, 26, 27 e 28 de março de 2020, na comunidade, em hora e local adequado às participantes, de modo individual respeitando os protocolos no combate a COVID-19. O grupo de mulheres artesãs é composto por 40 mulheres, dessas, 20 estão atuando constantemente na produção das peças artesanais. Com as limitações da pandemia foram entrevistadas apenas 10 artesãs. O roteiro das entrevistas foi composto por três abordagens principais (Apêndice B), primeira delas foi referente aos dados pessoais e de moradia de cada artesã, informações sobre os estabelecimentos familiares, incluindo idade, número de pessoas que vivem na residência, escolaridade, se possui filhos, renda da família, impacto social e econômico da atividade do artesanato da palha do tucumã para essas mulheres.

A segunda etapa da pesquisa, contemplou questionamentos sobre o perfil socioeconômico das artesãs e seus familiares, a fim de entender o local de origem de cada uma delas, número de pessoas que compõem o núcleo familiar, além do grau de escolaridade. A terceira abordagem do questionário tratou-se mais especificamente sobre o tucumã, tais como: partes da palmeira utilizadas e para quais fins, aspectos sobre a coleta da palha, participantes do processo de coleta e beneficiamento, limitações da atividade de extração e potencialidades, mercados alcançados por elas e os elos que vão desde a coleta até a comercialização do produto.

Para a realização da observação, foi criado um diário, um dos principais instrumento de trabalho para um registro de informações compiladas que emergem do

trabalho de campo e que posteriormente serão utilizadas para a análise dos dados. Foi criado um diário de campo, alimentado diariamente ao longo dos dias imerso na comunidade, essa ferramenta permite registrar e sistematizar os dados vivenciados diariamente em campo para posterior serem interpretados. Esse recurso metodológico, utilizado no trabalho de (OLIVEIRA, 2008, p.59) possibilitou entender as inúmeras possibilidades que envolvem a abordagem qualitativa, a partir dela podem ser registrados perspectivas do pesquisador, bem como os diversos elos que envolvem cada momento do campo de pesquisa do diálogo e as mais variadas observações.

O diário construído ao longo da pesquisa seguiu as recomendações de Oliveira (2000), onde trata que o diário registra as tenuidades que apenas a transcrição da entrevista não conseguiria isoladamente, trazendo uma percepção mais profunda e com expressões de emoções.

Na pesquisa que dá vida as informações e questionamentos presentes nesse texto, bem como as narrativas de vidas que foram vivenciadas e relatadas foram anotadas e descritas no diário de campo, descrição dos modos de vida, das pessoas, objetos, lugares, atividades e diálogos e dos saberes práticos e experiências que surgiram no decorrer das entrevistas e observações feitas na comunidade (BOGDAN e BIKLEN, 1994). Além disso, foi feito um registro fotográfico das diferentes etapas da pesquisa.

A tabulação dos dados foi realizada por meio do programa *Excel for Windows*[®] 2010. Os dados das entrevistas, visitas e observações foram analisados de forma dissertativa/descritiva para melhor entendimento da cadeia do artesanato em palha de tucumã na comunidade.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Caracterização Socioeconômica

As mulheres de São Miguel nem sempre estão atuando de forma contínua na produção do artesanato, existe uma oscilação do número de participação dessas mulheres nessa atividade. No período da pesquisa, o número de mulheres atuantes na produção do artesanato era em média 20 mulheres, e devido toda a pandemia não foi possível ter contato com todas, desse universo de 20 artesãs entrevistei 10 delas.

Na Tabela 1 podemos entender a dinâmica de caracterização socioeconômica de cada artesã.

Tabela 1 -Tabela de informações socioeconômicas das artesãs de São Miguel, Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, Brasil.

Artesã	Idade	Local de origem	Estado civil	Nº Filhos	Moradia	Esgoto sanitário	Escolaridade	Nº de pessoas que residem na casa	Fontes de renda
1	80	São Miguel	Solteira	4	Madeira	Fossa Séptica	Ensino Fundamental Incompleto	1	Artesanato, aposentadoria e bolsa família
2	68	São Miguel	Viúva	2	Alvenaria	Fossa Séptica	Ensino Fundamental	1	Artesanato, aposentadoria
3	51	São Miguel	Casada	6	Alvenaria	Fossa Séptica	Ensino Técnico	3	Artesanato e Trabalho no Serviço Público Artesanato, Bolsa Família, Aposentadoria,
4	46	São João	Solteira	4	Madeira	Fossa Séptica	Ensino Médio Completo	5	Agricultura Familiar e Trabalho em embarcações
5	34	São Miguel	Casada	3	Alvenaria	Fossa Séptica	Ensino Médio Completo	5	Artesanato, Trabalho no Serviço Público
6	37	São Miguel	Casada	6	Alvenaria	Fossa Séptica	Ensino Fundamental Incompleto	9	Artesanato, Bolsa Família, Trabalho no Serviço Público
7	27	São Miguel	Casada	2	Alvenaria	Fossa Rústica	Ensino Médio Incompleto	5	Artesanato, Turismo, Bolsa Família, Serviços de Pedreiro

8	40	São Miguel	Solteira	9			Ensino Fundamental Incompleto		Artesanato, Benefício de Auxílio Doença, Bolsa Família, Pensão
9	20	São Miguel	Solteira	1	Alvenaria	Fossa Rústica	Ensino Fundamental Incompleto	10	
10	18	São Miguel	Solteira	0			Ensino Médio em Andamento		

Fonte: Pesquisa de Campo (2020).

As artesãs e seus companheiros são originários de São Miguel, e apenas uma delas pertence a comunidade de São João, localizada no Rio Arapiuns. Apenas uma das entrevistadas não possui filhos. Todas as casas são abastecidas com água fornecida por microsistema e possuem energia elétrica somente a noite (entre 18 e 22h), através de um gerador elétrico administrado pela associação comunitária.

Quanto à renda, quatro famílias possuem renda provinda de salários fixos, três famílias possuem renda de aposentadoria, cinco possui renda de programas de governo para distribuição de renda, como bolsa família e benefícios de auxílio doença. Em São Miguel, as famílias das artesãs também possuem pequenas unidades produtivas denominadas de “tarefas”, correspondendo a aproximadamente 0,06 hectares (25x25m). São cultivadas nessas áreas macaxeira, banana, cará, mandioca e outros. Toda a produção é destinada ao autoconsumo e as vezes comercializadas entre os próprios moradores da comunidade.

Apesar da farinha ter sido durante anos a principal fonte de renda dos moradores de São Miguel, a cada ano tem perdido espaço, deixando de ser a principal fonte de renda dos moradores. A produção de farinha é feita por família individualmente ou grupos de famílias que participam da produção. Não é comum a prática da comercialização da produção, a farinha é destinada para o autoconsumo.

Na ida em campo para a coleta de dados, tive a oportunidade de participar e acompanhar o processo de produção da farinha por uma das famílias das artesãs, como mostra a figura 3. Nessa atividade que dura em média três a quatro dias, todo o grupo familiar participa, desde a coleta da mandioca até a fase final onde “torraram” a farinha.

Figura 3 - Na imagem (a) temos o grupo familiar descascando a mandioca para colocar na água. Na imagem (b) matriarca da família asando cabeça de suíno para alimentar toda a família. Na imagem (c) Hora da merenda.



Fotos: acervo autora (2020).

Esse momento, toda a família se envolve na atividade, sem pressa, com seus horários de descanso durante a atividade, não estabelecem hora para finalizar as etapas, seguem um curso fluido de acordo com o tempo que acham que devem seguir. Essa dinâmica se estende para as outras atividades que as famílias desenvolvem, uma vivência que ainda carrega traços e costumes tradicionais.

A caça é pouco praticada, devido a diminuição da presença de animais e quando conseguem capturar alguma é dividido entre familiares e vizinhos. A pesca é fonte proteica mais comum consumida pelos moradores da comunidade, tanto no período da seca ou da cheia, fazendo parte do cotidiano e da dieta alimentar dos comunitários.

A representação ou chefe de família muda de acordo com a situação conjugal de cada uma, nas famílias das artesãs entrevistadas percebemos que existem mães solteiras (4), mães viúvas (1), mães casadas (4) e as artesãs que ainda não possuem família conjugal constituída, ou seja, são solteiras (1) que moram com suas mães e ajuda nas tarefas domésticas, no roçado e na produção do artesanato. Algumas delas dominam a técnica do trançado e outras estão na fase inicial do aprendizado.

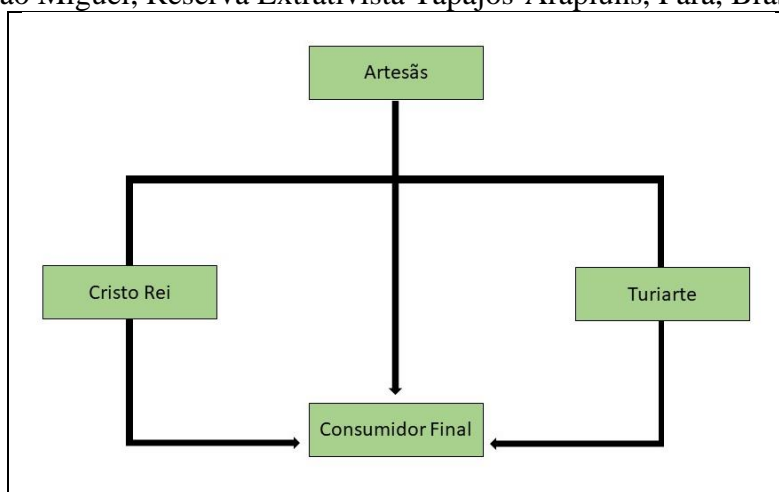
A maioria das entrevistadas possui casas de alvenaria (8), sendo apenas uma de madeira. Possuem água encanada de microssistema, os banheiros são de fossa séptica (5) e outras (4) artesãs possuem em suas casas sanitários rústicos vedadas com pedras de cimento ou de madeira. As crianças e adolescentes das artesãs conta com ensino escolar até 8º série e o ensino modular, a escola São Miguel Arcaño é uma unidade polo e recebe alunos de outras comunidades.

O fluxo de movimentação dos moradores do local é bem ativo, utilizam motocicletas e bicicletas como meios de transporte, além de canoas a remo e bajaranas motorizadas que facilitam o deslocamento para suas unidades de trabalho, auxiliam para pescaria e para frequentar comunidades vizinhas.

5.2 Caracterização da Comercialização

A comercialização do artesanato em palha de tucumã é realizada em três formas, as artesãs comercializam para turistas que frequentam a comunidade e as praias próximas. As peças são colocadas em uma “bajara” com motor rabeta e as artesãs seguem para a praia mais próxima e mais visitada, chamada de “Ponta Grande”. Outra via de comercialização se dá pela entrega das peças para a loja localizada em Santarém no Centro de Artesanato Cristo Rei, onde estão vários estandes com peças das artesãs e artesãos da região em exposição para comercialização (Figura 4).

Figura 4 - Fluxograma da comercialização das peças artesanias de palha de tucumã de São Miguel, Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, Pará, Brasil.



Fonte: Pesquisa de Campo (2020).

Algumas artesãs também fazem parte da Cooperativa de Turismo e Artesanato da Floresta - Turiarte, uma cooperativa de turismo e artesanato da Amazônia que possui cooperadas(dos) de muitas comunidades que trabalham com artesanato e turismo de base comunitária na Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns. Assim, a produção de algumas artesãs de São Miguel é comercializada na loja da Turiarte que fica localizada no prédio do PSA, organização parceira da cooperativa.

Em Brás Pires no estado de Minas Gerais o grupo de artesãs Art D’Milo, produzem e comercializam artesanatos de palha de milho, no início da formação do grupo,

a comercialização era feita apenas no município, onde os produtos eram expostos nas praças uma vez ao mês, especialmente nas datas festivas da cidade. Assim como a Turiarte, as mulheres do grupo Art D'Milo já comercializaram seus produtos para outros estados e outros países (IRIAS, 2016).

A comercialização desses produtos contribui para a valorização da cultura, maior renda mensal da família, além de ser ferramenta onde as mulheres encontraram como símbolo de resistência, reafirmação de pertencimento do lugar, com o compromisso de olhar e cultivar as relações socioeconômicas, estabelecidas pelos seus descendentes.

Vale ressaltar nesse contexto que além da comercialização do artesanato da palha, pode-se comercializar a polpa, óleo, palmito, e o artesanato do endocarpo, na região de Manaus no Amazonas o fruto que tornou o tucumã como melhor palmeira que representa a capital amazonense, e em torno dessa valorização, o fruto potencializa um importante fluxo de mercado na região central da Amazônia (KHAN e MOUSSA, 2008).

Em São Miguel, o valor de comercialização dos produtos é previamente estabelecido entre as próprias artesãs, porém, nos pontos de comercialização existe variação no preço médio das peças. Isso se dá devido a variação do público atendido. No Cristo Rei, por exemplo, o maior público é o local.

No povoado de Jacunã-Jaguarari na Bahia, as peças confeccionadas da palha de ariri pelo grupo de artesã, são comercializadas no próprio povoado por meio de atravessadores que atuam com a prática de compra por um valor baixo e posteriormente vendem por um valor com alta lucratividade. Além dessa via de comercialização, as artesãs comercializam suas peças nas feiras da cidade, geralmente nos meses de festividades com lucro significativo comparada a venda para os atravessadores (SILVA, 2016).

Na Turiarte, o atendimento é voltado mais para mercado externo, atendendo encomendas de lojas de Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Belém, Manaus, Florianópolis, Santa Catarina, Curitiba, Goiás, além de atender lojas no Reino Unido, Inglaterra e Alemanha. Nesse caso as peças agregam valor mais alto.

O público atendido na comunidade e nas praias são turistas de outros estados e países, é comum as artesãs adicionarem um percentual a mais no valor das peças comercializadas para esse público, na alta temporada de turistas as mulheres utilizam pequenas embarcações para se deslocarem até as praias próximas mais visitadas, como a praia de Ponta Grande uma das mais paradisíacas da Reserva.

As peças artesanais comercializadas variam de acordo com o público de cada ponto de comercialização, como mostra a tabela 2, e os valores também podem ser

negociáveis no ato da compra. Destaca-se a importância no âmbito cultural desse tipo de atividade que até o momento não segue os moldes da comercialização e produção global, que visa o lucro a partir de uma produção em grande escala, o que não condiz com a atividade desenvolvida pelas mulheres de São Miguel.

Tabela 2 - Preço das peças artesanais de palha de tucumã comercializados nas lojas do Cristo Rei, Cooperativa Turiarte e na Comunidade de São Miguel, Santarém (PA, Brasil).

Produto	Turiarte	Artesãs	Cristo Rei
Cesto São Miguel	163,00	-	-
Porta Guardanapo	9,00	-	-
Colar com rodela e sementes	41,00	-	-
Colar com argolas, rodela e sementes	41,00	-	-
Colar com argolas e sementes	41,00	-	-
Colar só argolas	41,00	-	-
Colar com folhas e sementes	41,00	-	40
Gargantilha	33,00	-	30
Bracelete	25,00	-	23
Jogo de pulseiras (06 peças)	25,00	-	23
Brinco rodela	25,00	-	23
Brinco argola	20,00	-	23
Brinco folha	25,00	-	23
Bolsa praia	98,00	-	80
Brinco São Miguel	25,00	-	25
Bandeja	-	35,00	35
Supla pequeno	-	30,00	30
Supla Grande (<i>sousplat</i>)	-	50,00	50
Porta Cerveja (<i>sousplat</i>)	-	20,00	30
Bolsas Pequena	-	15,00	15
Bolsa Grande	-	50,00	60
Jogo de Porta Painéis	-	40,00	40
Porta Joia Pequeno	-	20,00	25
Porta Joia Grande	-	30,00	35

Fonte: Pesquisa de Campo (2020).

As informações sobre volume de produção, renda bruta total não foram possíveis de serem determinadas por questões decorrentes do isolamento social recomendado em função da Pandemia de Covid-19, o que levou suspensão de atividades de pesquisas na Reserva.

5.3. Histórico e Uso Tradicional da Palha do Tucumã em São Miguel

Os trançados em palha de tucumã são um conjunto de técnicas que envolvem o conhecimento tradicional e saberes indígenas. A forma de produção carrega as marcas das técnicas e tecnologias dos princípios tradicionais. É um processo coletivo de criação e reafirmação contínua da identidade de região. Nas proximidades de São Miguel, área

onde estão as comunidades de Urucureá, Lago da Praia, Vila Brasil, Vila Coroca, Vila Gorete, Tucumã, Nova Sociedade, e Arapiranga, formam paisagem sociocultural, em que se vincula a cestaria de palha de tucumã numa representatividade social, econômica, cultural e ambiental (MEDEIROS, 2012).

Caracterizado também como uma prática econômica, o artesanato é uma forma de gerar renda para muitas famílias da Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns, sem obrigatoriedade no tecer das peças, a produção artesanal faz parte do cotidiano como experiência, criatividade, sociabilidade e entretenimento, terapia e compartilhamento da vida comunitária. Imersa nessa criação, a mulher potencializa sua autoafirmação dentro do território em que vive (MEDEIROS, 2013).

O trabalho artesanal utilizando cipós e talas são culturalmente elaborados por mãos masculinas, traço evidente que pode ser observado com os povos tradicionais e populações indígenas, como os Wayana, que habitam o estado do Amapá, em que a técnica de tecer a cestaria de arumã é dominada pelos homens e as mulheres são as usuárias das peças artesanais confeccionadas (VELTHEM, 2007).

Em São Miguel, a realidade é diferente, apesar de alguns homens também praticar de forma bem superficial a arte do artesanato em palha. A Entrevistada 3, relatou que a criação do trançado de palha de tucumã nasceu das mãos de uma senhora anciã da localidade.

A Anciã foi quem criou o artesanato tecidinho. Ela trouxe lá da Pedreira, onde morava antes de *vim* para São Miguel. Nessa época minha sogra [...] já tava aqui em São Miguel. Minha sogra era demais curiosa, por Deus, muito curiosa e rapidinho aprendeu a tecer com ela (anciã) e já inventou já outro. Elas se juntavam, e aquela questão, se acostumaram a uma tá na casa da outra, e era assim antigamente (...). E minha sogra foi quem criou quem é a mãe do teçume de nome olhinho foi a minha sogra. (Entrevistada 3, São Miguel, março de 2020).

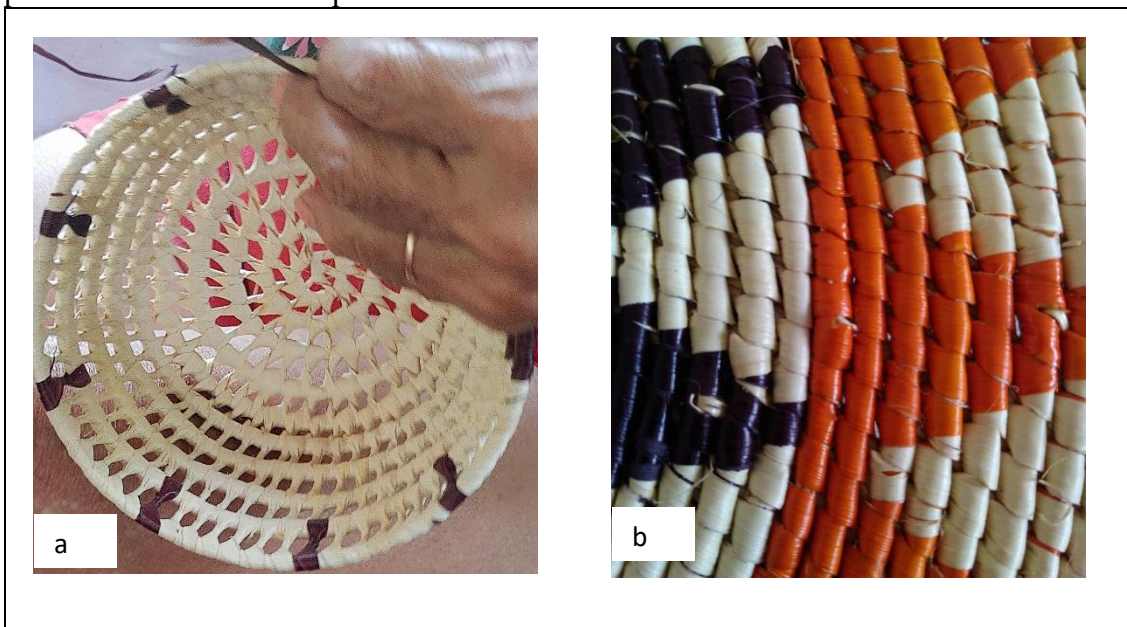
Além de ensinar o trançado, a anciã mostrou para as mulheres que realizar essa atividade se torna mais prazerosa quando se está em grupo. Contudo, o tecer em grupo não está presente entre as artesãs da comunidade de Urucureá, onde as mulheres preferem produzir suas peças em casa, pois alegam que precisam cuidar da casa e dos filhos. Essa diferença mostra que, mesmo geograficamente próximas e partilharem da mesma atividade, cada uma possui suas especificidades culturais (MEDEIROS, 2012).

A história de senhora anciã com a criação do artesanato é ancorada em descobertas e curiosidades. Entrevistada 3 conta que a anciã recebeu de sua comadre uma bolsa de

palha trazida de Santarém. Desafiada pela comadre, a anciã ao desmanchar a cesta foi vendo como era tecida cada ponto, e dessa forma conseguiu fazer uma o artesanato em formato de cesta com o ponto de buraco, com duas alças e uma tampa.

Esse processo de construção de costumes, tradições e culturas perpassa por gerações, que fez difundir a arte do tecer em São Miguel. Um detalhe muito importante a ressaltar é que o ponto que a senhora anciã criou é tecido inserindo-se a palha da direita para a esquerda, como se fosse bem macio, como uma almofada. Já a sogra da entrevistada 3, por curiosidade, resolveu fazer o sentido oposto do que tinha aprendido, tecendo a palha da esquerda para a direita, como relatado acima. Nessa rede de trançados do Arapiuns, o teçume de “olhinho” criado por pela sogra da entrevistada 3 é o mais praticado entre as artesãs embora o ponto lançado pela anciã ser até hoje símbolo de resistência, apropriação cultural e empoderamento feminino.

Figura 5 - A imagem mostra detalhe do ponto “olhinho” ou furadinho (a) o mais tecido em São Miguel, Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, Brasil. A imagem (b) mostra o ponto “miudinho” criado pela dona Josefa.



Fonte: Autora (2020).

A construção desse conhecimento ao longo dos anos, exigiu das artesãs mais detalhes, perfeição e organização social. Foi em meados de 2008 que com a contribuição do PSA surgiu o Grupo de Mulheres Artesãs de São Miguel, denominado ArtePalha. Atualmente, o grupo está com 40 mulheres associadas e dessas, 20 estão ativamente envolvidas na produção do artesanato.

Nós éramos 12 artesãs antes de formar o grupo [...] e nós precisávamos nos qualificar porque tecíamos muito, e através dos meus conhecimentos do Projeto Saúde e Alegria – PSA foi que um belo dia conversando [...] aí a gente resolveu criar o grupo em 2007 [...] Aí fizemos as oficinas de aperfeiçoamento e acabamento das peças através de uma colaboradora do PSA que foi nossa peça principal de ajudar a formar o grupo Arte e Palha aqui em São Miguel (Entrevistada 3, São Miguel, março de 2020).

Desde 1995, por meio da parceria com o PSA, vários cursos e oficinas foram realizados, além das atividades ligadas ao artesanato em São Miguel, e do apoio ao grupo TucumArte da comunidade de Urucureá. Além desses, também foram apoiados grupos das comunidades de Vila Gorete, Vila Brasil e Arimum. O projeto Trançados do Arapiuns teve início nas comunidades de Coroca, Vista Alegre e Nova Pedreira e contou com apoio do PSA e do Centro de Apoio a Projetos de Ação Comunitárias – CEAPAC (CARVALHO, 2004).

Nesse percurso de nascimento desses grupos, ao longo dos anos dentro da UC, em paralelo, outras instituições parceiras se constituíram, como: Conselho Indígena Tapajós Arapiuns – CIMI; STTR de Santarém; Colônia dos Pescadores Z-20 do município de Santarém; Conselhos dos povos Arapiun e Borari; e demais, que acompanharam de perto os desafios e ameaças postas no território, como os grandes empreendimentos de coleta de madeira ilegal e grilagem de terras (CEAPS, 2011).

As regiões de fronteira da Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns como Gleba Mumuru, Nova Olinda e Curumucuri favoreceram as migrações de inúmeros empresários do setor madeireiro vindos de várias localidades do país, instalando-se nessas áreas e iniciando a prática de exploração madeireira comercial (CEAPS, 2010). A extração ilegal de madeira da Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns ainda é uma realidade, sendo um dos motivos que levaram a Organização TAPAJOARA a captar recursos para a possível implementação do Manejo Florestal Madeireiro Comunitário Sustentável, na área Sul da Reserva, local que sofre com constantes retiradas de madeira ilegal.

5.4. Artesanato e o Registro do Saber Fazendo

A habilidade artesanal observada no processo de construção das peças em palha de tucumã na comunidade de São Miguel, envolve cinco etapas: coleta da guia; retirada dos talos e espinhos; “escaldar” ou secagem; pigmentação; e produção das peças artesanais. Na execução das etapas, os homens participam de forma pontual, contribuindo

na coleta, na busca dos pigmentos naturais na floresta e produzindo algumas peças artesanais.

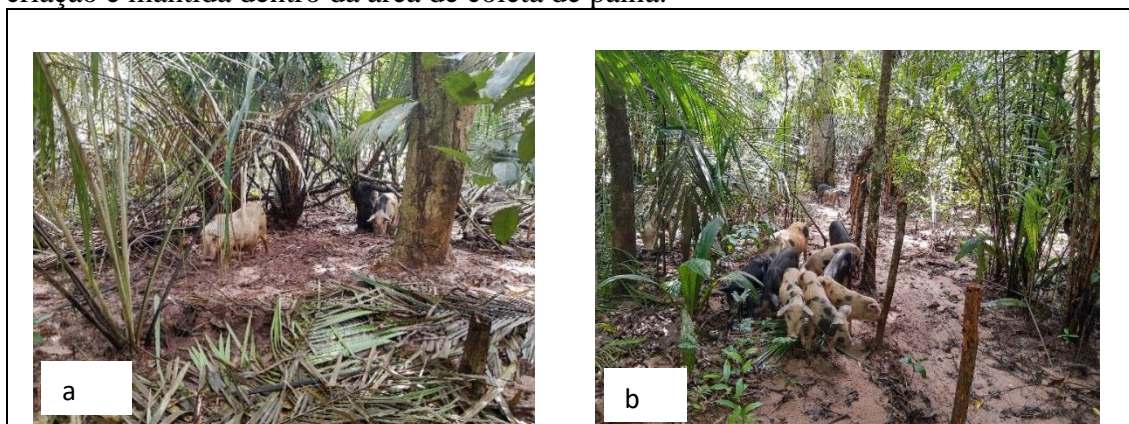
A atividade com todos os seus processos é liderada pelas mulheres, com movimentos lentos e peculiares, respeitando seu tempo, sem pressa, sem determinação de início ou término da atividade. O modo é exclusivamente artesanal com uso de ferramentas e utensílios do dia a dia. As mãos são instrumentos de manobras que dão vida e mostram a resistência desta tradição, além de ser constante o aprendizado das crianças que acompanham suas mães durante a atividade do trançado.

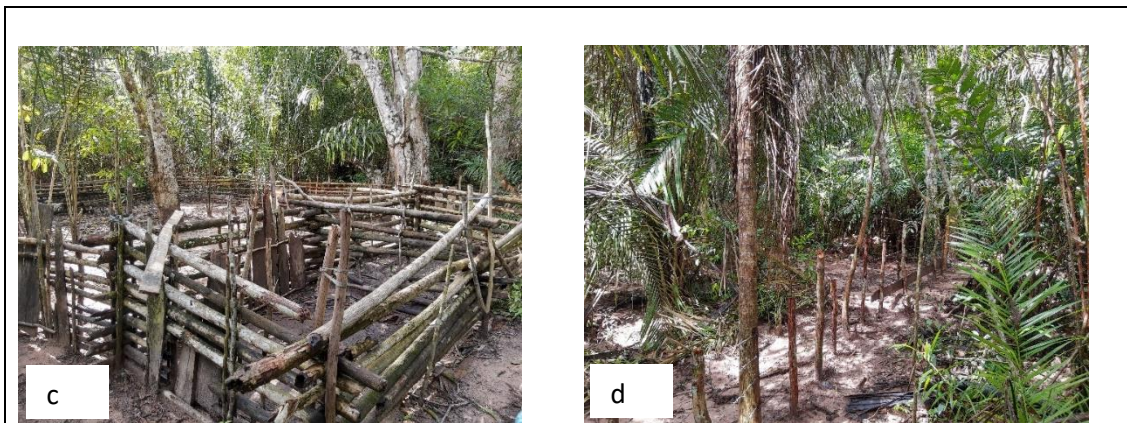
5.4.1 Coleta da palha de Tucumã

A área onde as artesãs realizam a coleta da palha de tucumã fica localizada próximo da comunidade, em média percorre o rio de rabeta por 17 minutos até o local. Essa área é conhecida como Cabeceira e vem sendo manejada desde as primeiras artesãs de São Miguel. Filho de uma das grandes artesãs da comunidade, hoje com 76 anos de idade relata que em 1970 sua mãe realizava coleta nessa área e praticou essa atividade por muitos anos.

Na mesma área, é realizado o manejo da criação de porcos há mais de 30 anos, tanto para comércio local, como para consumo familiar, como mostra a figura 6. Além de ser um ambiente com temperatura favorável, em época de frutificação, o tucumã é fonte de alimento para a criação, tendo consumo reduzido de ração e conseqüentemente menos gastos. Rufino et al. (2015) mostram e que a inclusão da ração oriunda do resíduo do tucumã para aves poedeiras pode ser utilizada como ingrediente alternativo sem perdas substanciais no desempenho dos animais, além de apresentar menor custo de produção.

Figura 6 - As imagens (a) e (b), mostram a criação de porcos. Na imagem (c) está o local onde os porcos ficam presos e na imagem (d) mostra a cerca que delimita a área onde a criação é mantida dentro da área de coleta de palha.





Fonte: Autora (2020).

A coleta das guias do tucumã é um processo bem trabalhoso que exige atenção e cuidados, pois a palmeira apresenta espinhos afiados de até 30 cm de comprimento que se estabelecem ao longo do estipe e outros menores nas palhas (SODRÉ, 2005). Processo similar ocorre na comunidade Céu do Juruá, no Amazonas mulheres extrativistas trabalham na confecção da linha proveniente da palha jovem (guia) da palmeira do Tucum, o processo de coleta da palha também é a fase mais trabalhosa, por se tratar de uma árvore espinhosa e alongada (ABREU, 2012).

A escolha da guia apta para coleta leva em consideração o seu tamanho, sendo ideal quando ela está mediana e essa observação é feita a olho nu. Algumas vezes acontece de coletar a guia e está “madura”. Nesse estágio a palha está menos flexível sendo inviável o manuseio para a produção do artesanato.

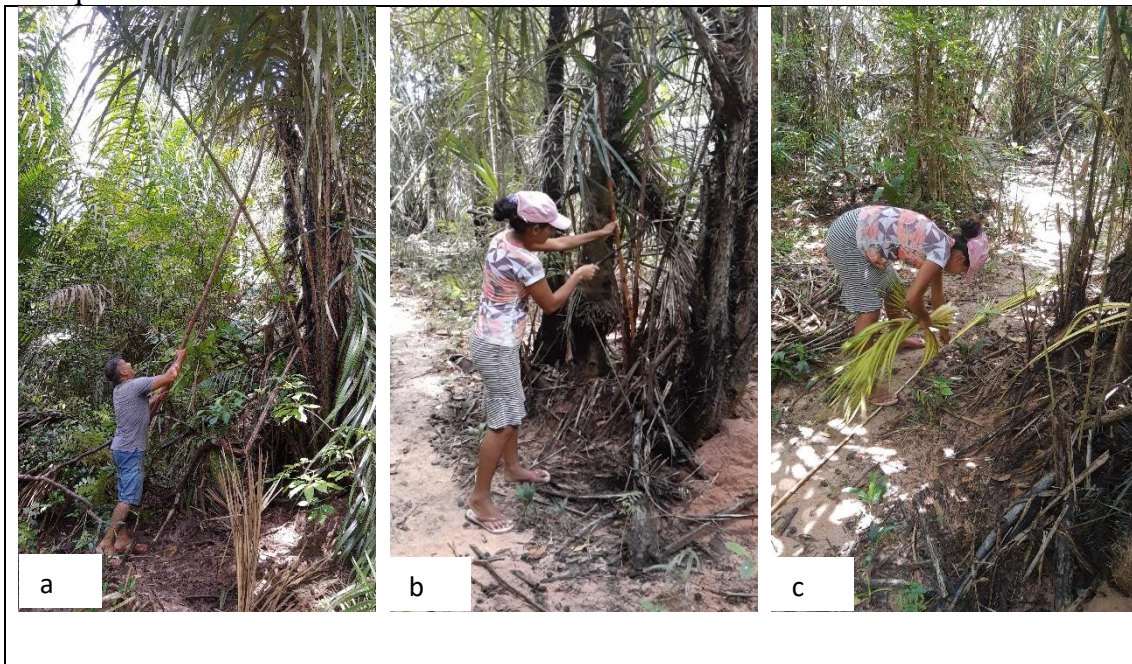
Outro fator importante é que na área também há presença de outro tipo de palmeira, chamada de Tucumaí, as artesãs conseguem diferenciá-las por algumas características: seu fruto é menor, cor da palha é mais escura (mais para o tom marrom) e tamanho da palmeira é menor. Quando coletadas essas guias logo no processo de secagem ela se diferencia das demais pela cor, revelando em um tom mais escuro que as de Tucumã, além de ficar toda enrolada, e assim, nesse ponto é imediatamente descartada.

As mulheres utilizam uma vara de madeira com uma faca/foice amarrada na ponta (chamada de podão) para facilitar a retirada da guia comumente chamada de “olho” da palmeira (folha jovem ainda fechada localizada bem no centro de todas as outras folhas já adultas), depois da coleta já é feito o primeiro beneficiamento em campo, retira com todo cuidado devido os espinhos, todos os folíolos que estão presos pelos pecíolos ao ráquis, faz o “montinho”, amarra e segue em direção a outra palmeira (Figura 7). Uma

dificuldade relatada pelas mulheres e observada em campo, ocorre quando algumas palmeiras são muito altas, o que inviabiliza por muitas vezes a coleta das guias.

Essa dificuldade não é observada na coleta da palha de ariri, atividade realizada pelas artesãs de Jacunã, as palhas são coletadas próximo ao chão o que facilita o processo, porém, fazem usos e alguns instrumentos de proteção como: camisas de manga comprida e chapéus de palha para proteção da pele à exposição ao sol, além de calças e sapatos (SILVA, 2016). Apesar de a coleta de palha de tucumã oferecer mais riscos as artesãs, as mulheres de São Miguel não possuem a prática do uso desses utensílios de proteção já que oferece muito mais riscos devido a presença de espinhos e o ambiente de coleta ser em meio a floresta.

Figura 7 - Na imagem (a) é o momento da coleta da palha, neste caso com ajuda de um homem. Na imagem (b) a artesã realiza a coleta da guia em uma palmeira de porte baixo. A imagem (c), a artesã faz o primeiro beneficiamento, retira os folíolos que estão presos na ráquis.



Fonte: Autora (2020).

Os trabalhadores rurais de Cairé no Ceará, extraem a palha da carnaúba para a produção da cera e produção de artesanatos como tarrafas, cordas, chapéus, bolsas, vassouras, redes, esteiras e vassouras. Coletam a matéria prima também com uso de podão, variando de 5 a 15 metros de comprimento, que oferece vários riscos ao coletor: as hastes pontiagudas das folhas podem cair sob o trabalhador com alta velocidade, podendo, inclusive, mudar de direção de acordo com o vento (NETO, 2019).

De cada indivíduo corta-se apenas uma guia, e caso sejam encontradas várias guias aptas em uma touceira, apenas uma guia é coletada por cada indivíduo da touceira. Essa forma de manejar é praticada desde o início das atividades de trançado, caracterizando manejo local transmitido ao longo das gerações. Uma vez coletada a guia, só retornam novamente depois de 45 dias. Após esse intervalo a palmeira já está com uma nova folha pronta para ser utilizada na atividade das artesãs. Essas práticas mostram o cuidado que as mulheres têm com a vida das palmeiras, revelando a preocupação com a conservação deste importante recurso florestal.

5.4.2 Preparo para secagem – Retirada de talos e espinhos

Depois da coleta, as palhas seguem para o processo de eliminação das pontas e espinhos que ficam nas suas extremidades e “costas”, é nessa fase que ocorre a separação dos folíolos que estão unidos pela tala. Cuidado e atenção são necessários devido ao grande número de espinhos que ficam camuflados ao longo de toda a palha (Figura 8).

Processo similar ocorre no beneficiamento da palha de ariri após a coleta para produção do artesanato, porém, as artesãs de Jacunã chamam o processo de destilagem, onde acontece a limpeza e separação da palha com auxílio de uma faca pequena para raspar o material coletado (SILVA, 2016).

Figura 8 - Imagem (a), a artesã está eliminando os espinhos da “costa” da palha. Na imagem (b) as pontas estão sendo eliminadas. Na imagem (c) a artesã me ensina como eliminar os espinhos e as pontas da palha.



Fonte: acervo da autora (2020).

5.4.3 Processo de Secagem

As artesãs desenvolveram duas formas de secar a palha. A primeira delas é utilizando a luz solar, sendo necessário que tenha bastante incidência de luz para que a palha fique bem seca (Figura 9). Esse processo na maioria das vezes é feito no quintal das casas das artesãs, deixando-se as palhas de um lado apoiadas por um objeto, como madeira, para que não fiquem totalmente no chão, e durante a secagem virar algumas vezes, para que sequem de forma uniforme.

Em média demora de um a dois dias para finalizar a secagem, varia muito de como está a incidência de luz solar nesse processo, quanto mais forte, mais rápido para finalizar.

As palhas de carnaúba também são expostas ao sol para secagem, no primeiro momento são expostas ao sol por 4 dias consecutivos sendo necessário intensidade solar intensa, após secas e selecionadas, as palhas passam por processo de tingimento e posteriormente expostas ao sol novamente por 1 dia (FILHO, 2004).

As artesãs de Jacunã inicia a segunda etapa da produção do artesanato com a exposição das palhas de ariri ao sol, é necessário apenas 1 dia de exposição ao sol para o processo de secagem. O arranjo é bem similar a secagem da palha de tucumã, são postas logo pela manhã estendidas na calçada ou em frente das casas das artesãs ou em seus

quintais, sempre observando para que não sejam pisoteadas, e posterior, retirada ao fim do dia (SILVA, 2016).

Figura 9 - Nas imagens (a) e (b) palhas expostas ao sol no processo de secagem.



Fonte: acervo da autora (2020).

A segunda forma é o chamado “escaldar” é feito no forno, geralmente no forno onde fazem farinha. Essa forma é mais trabalhosa que a outra (Figura 10). Primeiro, faz-se o fogo, utilizando lenha para esquentar o forno, em temperatura não muito elevada para não queimar a palha. Quando o forno estiver quente colocam-se os “maços” de palhas, deixando as espalhadas na superfície do forno e virando constantemente para não queimar. No decorrer desse processo, a palha vai “suando” eliminando a água e ficando com o aspecto de seca, e mesmo assim, é necessário levá-la ao sol depois de “escaldar”, por algumas horas, mas é preciso para obter um melhor resultado.

Figura 10 - Processo de secagem o forno nas imagens (a), (b) e (c) chamado de “escaldar”.



Fonte: Acervo autora (2020).

As mulheres da comunidade de Tucumã localizada da Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns também produzem peças artesanais a partir da palha de tucumã e no processo de beneficiamento os espinhos são removidos e posteriormente as palhas são expostas ao sol por três dias (JATI e SANTOS, 2018).

5.4.4 Pigmentação

Com o passar dos anos as artesãs perceberam que existem palhas que são melhores do que outras para tecer e fixar algumas pigmentações. A palha que fica “branquinha” são as preferidas. As artesãs conseguem identificar na área de coleta as quais possuem as palmeiras que oferecem a melhor palha. Essa identificação é feita apenas a partir do processo de beneficiamento das palhas, não conseguem identificar na planta características que diferenciam quanto oferta de palha “banquinha” e da mais escura.

A pigmentação é uma etapa considerada mais trabalhosa e difícil pelas artesãs. Por outro lado, são as cores que fazem todo o diferencial nas peças artesanais, valorizando ainda mais o trançado de palha de tucumã. Logo no início das atividades, a palha era tingida com cores naturais, mas por ser um processo que exige muito das mulheres, optaram por utilizar a tintura artificial com uso de anilina, uma das formas mais fáceis e rápidas.

Método utilizado pelas artesãs de Juazeiro do norte no tingimento da palha de carnaúba, fazem uso de corantes comumente encontrados no comércio local, esse grupo especificamente utiliza um tipo de anilina química em pó adquirida por meio de compra

online que resulta em melhor qualidade na fixação e coloração do material, porém é notável que o produto causa mal a saúde, pois é possível sentir o cheiro forte e irritação nos olhos e na mucosa da boca (JUSTO et al, 2019).

Com o passar dos anos sentiram a necessidade de voltar a utilizar o recurso das cores naturais para as pigmentações, resgatando a cultura além de melhor aceitação do mercado, principalmente pelos turistas que se encantam com toda a forma de produção das peças. Em Urucureá, Rio Arapiuns, localizada no município de Santarém as artesãs de palha de tucumã utilizam as pigmentações naturais obtidas a partir das cores primárias fornecidas pela floresta e quintais produtivos das próprias tecedeiras (PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA, 2007).

As mulheres artesãs da associação da comunidade de Vila Coroca no Rio Arapiuns, substituíram o tingimento com anilina para as pigmentações naturais com intuito de valorizar a cultura e a arte das famílias ribeirinhas (CARVALHO, 2004).

A Entrevistada 7 relata que não são todas as artesãs que têm paciência para o processo de pigmentação e mistura de elementos para conseguir cores diferentes, por ter mais facilidade e paciência nesse processo, tem a prática de comercializar suas palhas tingidas para outras artesãs no preço de R\$ 0,10 centavos a unidade.

Antes de iniciar a etapa de dar cores às palhas, após a seca é necessário separar os “talos” da palha, como na Figura 11, e fazer as “rudias”, que são feixes pequenos em formato de círculo para deixar imerso na água quente para fixar a cor desejada.

Figura 11 – Nas imagens (a) e (b) mostram o momento em que é separado o “talo” da palha para prosseguir com a pigmentação. Na imagem (c) mostra as palhas sem o talo.



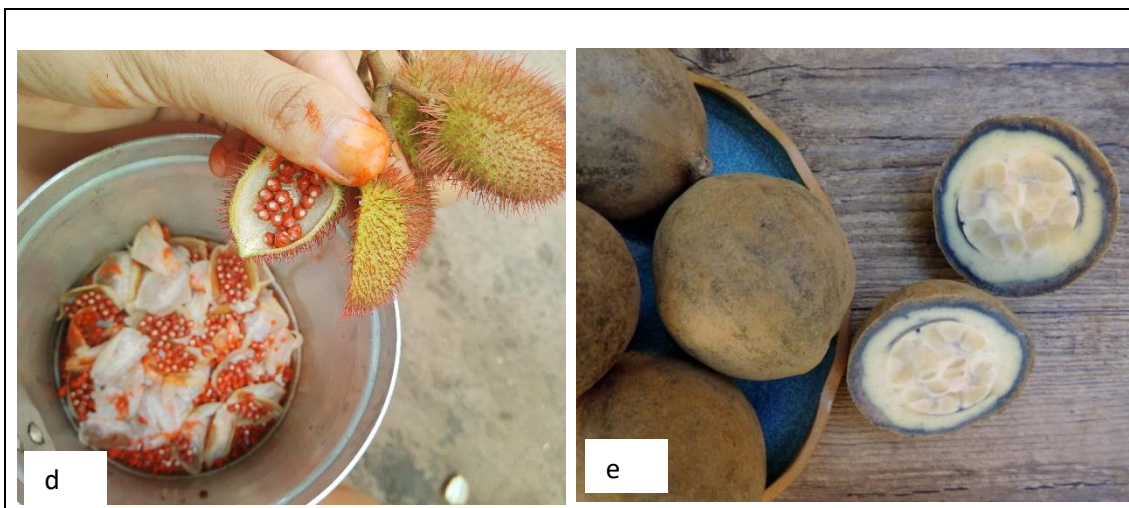
Fonte: Acervo da Autora (2020).

As pigmentações artesanais naturais são coletadas na floresta, e geralmente os homens oferecem ajuda para as artesãs nessa tarefa. As colorações são variadas, extraídas dos seguintes elementos: capiranga (roxo), açafão (amarelo), crajirú - de casa e da mata (marrom) e urucum (vermelho claro) e jenipapo (preto), a partir desses cinco, as artesãs conseguem produzir várias outras cores com tons diferentes (Figura 12).

Com intuito de apresentar alternativas sustentáveis para o tingimento da palha de carnaúba, estudantes do curso de design proporcionaram as artesãs de Juazeiro do Norte uma oficina de pigmentação natural utilizando; beterraba, semente de urucum, açafão em pó e flor de hibisco a oficina trouxe como resultado desafios e dificuldades não se restringe apenas às questões técnicas trabalhadas mas também as possibilidades de benefícios que essas oficinas podem proporcionar para esses participantes (JUSTO et al , 2019).

Figura 12 - Material utilizado para as pigmentações naturais: Capiranga (a), Açafão (b), Crajiru (c), Urucum (d) e Jenipapo (e).





Fonte: Acervo da Autora (2020).

Nas combinações entre jenipapo e açafrão, surge a cor verde, e quanto maior a quantidade de açafrão mais claro é a tonalidade do verde. Misturando o urucu com o açafrão obtém-se a cor laranja. Dessa forma, são criadas várias outras cores (Figura 13), porém essas listadas acima são as mais bem aceitas no mercado.

Figura 13 - Na imagem, estão as cores mais comuns que são produzidas pelas artesãs da esquerda para direita as combinações naturais: Capiranga, Mangarataia com Urucum, Jenipapo com Mangarataia, Crajiru, Mangarataia com a “borra” da Capiranga e com Crajiru, Jenipapo.



Fonte: Acervo da Autora (2020).

As artesãs constantemente realizam várias misturas em busca de cores e tons diferentes, como conta a entrevistada 7, artesã que faz parte do grupo de mulheres de São Miguel e do grupo da comunidade da Coroca.

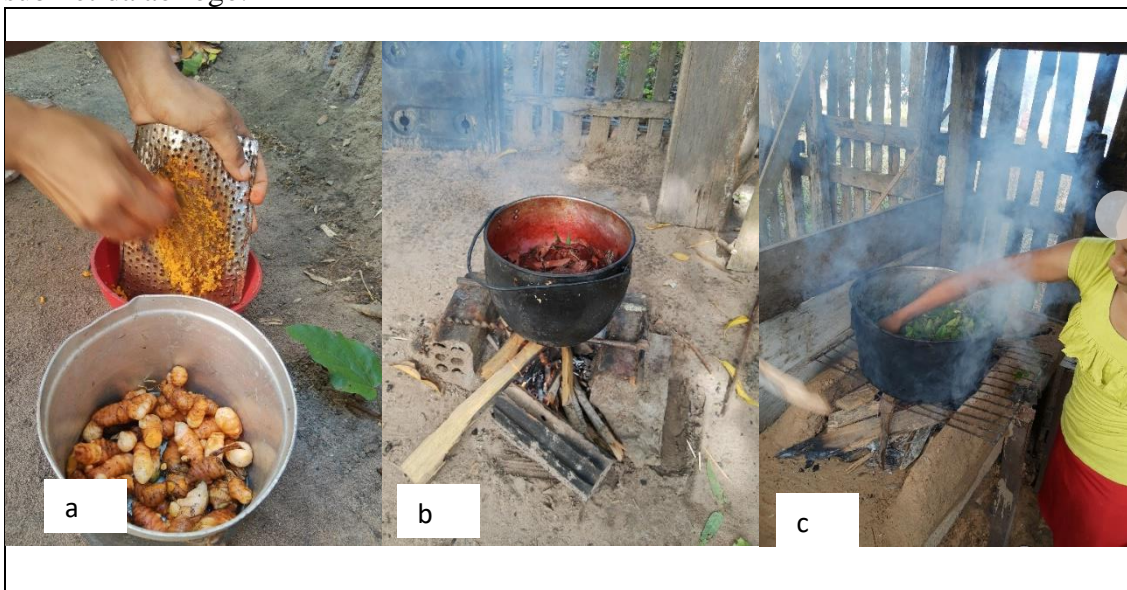
... faço parte tanto do grupo de São Miguel [...] do grupo Turiart e eu faço parte do grupo lá da Coroca, porque dá Coroca é outro [...] então lá a gente já fez todo esse processo na Coroca, já fiz várias misturas de outras cores que ainda não fizeram aqui, do crajirú, do crajurú a gente pintou o crajirú, aí palha do crajirú a gente misturou junto com aquele caldo do jenipapo, né aí ficou uma palha bem marronzinha muito bonita eu achei, né. Já foi uma outra cor que a gente inventou, [...]" (Entrevistada 7, São Miguel, março de 2020).

O grupo TucumArte da comunidade de Urucureá no Rio Arapiuns se tornou referência e excelência na arte de pigmentação, possibilitando que algumas artesãs ofereçam consultorias na replicação do aprendizado e no aperfeiçoamento das técnicas (MEDEIROS, 2013).

Para a fase de tingimento, é necessário retirar os “talos” que ainda estão presos em um dos lados do folíolo, que serão posteriormente utilizados na construção das peças,

a tala serve para dar sustentação e firmeza. Os materiais utilizados para essa atividade são geralmente o que se têm em casa, panela bem grande (de 20 litros) ralador, faca e um instrumento para mexer a palha imersa na água (Figura 14). Toda atividade é desenvolvida no quintal de casa, muitas vezes na companhia de vizinhas artesãs, nesse tempo, falam de suas vidas, problemas diários, casos familiares e muitos outros assuntos que são compartilhados.

Figura 14 - Na imagem (a) tem-se o ralo, instrumento utilizado para ralar a mangarataia e o jenipapo. Nas imagens (b) e (c), tem-se a panela com água e a pigmentação natural submetida ao fogo.



Fonte: Acervo da Autora (2020).

Enquanto estava acompanhando todo o passo a passo para a pigmentação das palhas, a artesã entrevistada 7 relatava fatos ocorridos na sua vida familiar e a trajetória de sua filha, que teve sérias complicações de saúde e lutou muito para se manter viva. E ao fundo o rádio ligado na Rural de Santarém, sempre atentas as notícias da Covid-19.

No fogo improvisado no chão e um fogão confeccionado com barro, as artesãs iniciam o processo de dar cor as palhas de tucumã, sendo necessário deixar a palha imersa na água quente junto com o produto natural que dará a cor desejada. De início, por alguns minutos, a água ferve apenas com o produto de pigmentação natural, em seguida, adicionam o “maço” médio de palha em formato de círculo, mexendo até que a fervura possibilite que a palha absorva a tonalidade, logo em seguida retira a palha da água fervente e lave bem em água corrente, colocar para escorrer (secar) em local sombreado.

Esse processo utiliza-se para tingir com jenipapo (ainda verde e ralado), mangarataia (ralada) e crajirú (as folhas). Já com a capiranga é realizado todo o processo desenhado acima, porém com um passo adicional. Após a fervura, retira o excesso de água da panela deixa apenas uma quantidade de água para “forrar” o fundo do recipiente, as folhas de capiranga também ficam no fundo, formando uma “cama” que recebe a palha e fica por alguns minutos com o recipiente tampado, recebendo o vapor e ganhando a cor roxa (Figura 15).

Figura 15 - Na imagem (a) está o processo de pigmentação com folhas de crajiru. Na imagem (b) é com as folhas de capiranga “abafadas” na panela. Na imagem (c) finalizando a pigmentação com mangarataia.



Fonte: Acervo da Autora (2020).

Em Cariri no estado do Ceará, desenvolveu – se estudo com uma proposta sustentável para a pigmentação natural de fibras de bananeira, foram realizados experimentos utilizando corantes naturais que são extraídos do açafraão, hibisco e jenipapo, tendo resultado das cores amarelo intenso, avermelhado e cinza respectivamente. Os resultados dos experimentos foram significativos, a pigmentação obteve bom desempenho de aderência a fibra (LUNA et al, 2017).

5.4.5 A produção do Artesanato

Num universo de 40 mulheres associadas, cerca de 20 estão atuantes nas atividades da produção artesanal de objetos culturais de palha de tucumã, os principais produtos confeccionados pelas artesãs de São Miguel são: porta joias, biojoias, porta lápis, suplás (*sousplat*), bandejas, luminárias e cestarias. As ferramentas utilizadas nesse

processo são facas e alicates (este último estava em falta). A palha e o “talo” que é retirado dela no processo de beneficiamento são as únicas matérias primas utilizadas para a confecção das peças.

As artesãs de Brás Pires confeccionam com a palha de milho artesanatos que variam desde bolsa, baú, cestas, caixa box, estojo, porta cartão, porta lápis, sacolas ecológicas, carteiras, chaveiros, pulseiras, arcos e colares, suporte para vasilhas. Com o curso de capacitação ministrada pelo SEBRAE – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas as artesãs passaram a produzir mais baús e cestas com maior padrão de qualidade e acabamento, além de agregação de outras peças, como buchas rústicas, pingentes e pérolas (IRIAS, 2016).

Não existe cerimônia ou algum tipo de ritual para iniciar a produção, as mulheres tecem em conjunto ou cada uma em sua casa (Figura 16), porém nesse momento de pandemia devido a pandemia de Covid-19, as artesãs estão evitando aglomerações. Quando possuem encomendas, a atividade é mais intensa, e as horas de trabalho variam de acordo com o pedido. Quando a produção é sem compromisso, as artesãs tecem suas peças nas horas vagas ou mesmo no descanso do intervalo do almoço.

Figura 16 - No mosaico de fotos (a,b e c) mostra o momento em que as artesãs tecem suas peças, seja no discando do almoço ou no momento em que cuidam dos seus filhos ou até mesmo quando sentam em frente de suas casas para olhar o movimento da comunidade.



Fonte: Acervo da Autora (2020).

Quando os encontros são em grupos, as artesãs se organizam e se encontram na casa de uma delas e compartilham além do prazer em tecer, os alimentos, as conversas

que perpassam nas dificuldades, nas conquistas, desejos e planos sempre regados com um bom café e muita alegria e determinação.

De ponto a ponto as mulheres criam suas peças em formato e cores diferentes, refletindo diretamente no produto sua criatividade, seu estado emocional e físico, além de ensinar suas filhas arte do teçume em palha de tucumã. E a participação dos homens também é notável nessa fase de produção.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho carrega uma profunda gratidão pela oportunidade de vivenciar as relações da trama de cores e saberes que envolve o artesanato em palha de tucumã e as artesãs de São Miguel. Estudar as relações estabelecidas entre o artesanato e as artesãs, permitiu entender, visualizar os espaços construídos ao longo dos anos, além de, mergulhar na memória coletiva contada e vivida pelas artesãs e seus familiares.

Moradoras de comunidades tradicionais distantes dos grandes centros urbanos, as artesãs atuam e/ou ancoram – se na economia criativa como ferramenta de superação dos estigmas não apenas de gênero, mas de todas as abordagens que permeiam quando se trata de baixa ou nenhuma escolaridade; o não acesso aos recursos econômicos; o direito negado na maioria das vezes de ocupar espaços institucionais e de fala.

Através do artesanato, as artesãs conseguem sua autonomia financeira, se organizam coletivamente assumindo papel de liderança em sua comunidade, ocupando espaços em conselhos e organizações representando sua comunidade/coletivo/grupo. Essas mulheres conseguem proporcionar melhor educação escolar para seus filhos, para uma formação crítica pautada no bem coletivo e respeito as diferenças.

Essas mulheres ainda conseguem enfrentar situações de violência doméstica, estrutural e psicológica, melhoram sua autoestima, fortalecem suas relações familiares, ancestrais e comunitárias. Fatores que contribuem de forma significativa para a qualidade de vida dessas mulheres e consequentemente do seu ciclo familiar.

O artesanato em palha de tucumã demonstra ser uma importante ferramenta de transformação e uma fonte de renda complementar. Com o passar dos anos, entendendo a dinâmica do uso desse recurso, tem se percebido que essa atividade está se tornando cada vez mais a fonte principal de renda financeira para as famílias das artesãs de São Miguel.

A atividade está em constante aprimoramento e inovação, com objetivo de melhor qualidade das peças e expandir mercado alcançando melhores preços. Com essa dinâmica o artesanato possibilita as artesãs o ganho através do extrativismo, e não somente pela agricultura familiar, como era a alguns anos atrás, onde a principal fonte de renda era a produção, comercialização e troca de farinha. O trançado em palha reflete a disponibilidade do recurso natural e a facilidade de manejo a partir do conhecimento tácito mantido por gerações, fazendo do artesanato em palha um objeto de demarcação cultural.

Diante disso, aprofundar os estudos sobre ecologia da espécie aliados aos estudos etnobotânicos podem contribuir para o aprimoramento das técnicas já utilizadas, visando melhor manejo sustentável, subsidiando caminhos para uma coleta mais eficaz e satisfatória. Uma vez que existem na mesma área de coleta palmeiras que oferece palha de maior qualidade e palmeiras que oferecem palhas de qualidade inferior.

Pondero que, a prática dessa atividade desenvolvida com todo esforço das artesãs é baseada na observação do dia a dia, do aprender fazendo com suas mestras, e expressam o mundo em que vivem, e em forma de arte, cada uma com histórias diferentes e um significado particular para contar sua relação de pertencimento no meio em que vivem.

E durante toda essa caminhada cheia de pormenores, pude entender, vivenciar os modos de vida, a cultura e os desafios enfrentados diariamente pelas artesãs. No processo de construção desta pesquisa, tive a oportunidade de conhecer sobre o artesanato em palha de tucumã, objeto que permite a estas mulheres expressarem no tecer da palha, ponto a ponto, seus desejos e sentimentos e onde representam a forma de organização social, política e ambiental do lugar.

Confesso que a aproximação com as teorias antropológicas me colocaram na posição de desafios e descoberta que proporcionaram um leque de possibilidades para entender as relações existentes que envolvem o trançado em palha de tucumã. Entendo ainda que este estudo é apenas o início de uma abordagem que ainda possui muito o que explorar e conhecer sobre o que rege as relações socioculturais das artesanias em palha de tucumã.

O percurso desenhado para a pesquisa demarcou dificuldades drasticamente impostas pela Covid-19 e de certa forma esse momento me aproximou com mais intensidade do desejo de seguir com a pesquisa e contribuir de alguma forma com essas mulheres artesãs diante da pandemia. Dessa forma segui empenhada no compromisso de cumprir o que era possível diante do cenário imposto.

É importante ressaltar que a realidade social e econômica de São Miguel está num processo contínuo de mudança, são novas abordagens influenciadas diariamente pelo mundo exógeno, que chegam através das redes virtuais, acesso e contato direto com pessoas de todo o mundo, rede de comércio e fluxo sociocultural em suas localidades.

As reflexões levantadas no decorrer deste trabalho juntamente com estudos já desenvolvidos no âmbito do manejo e artesanato da palha de tucumã, são importantes para subsidiar estudos mais profundos e amplos sobre as relações socioculturais que envolvem essa trama de cores que permite os povos a prática de significar.

Tenho em mente que este estudo fortalece a necessidade de investigar ainda mais os encadeamentos que permeiam essa rede que envolve o social, cultural, econômico e ambiental das artesãs de São Miguel, olhar a cultura como algo onde os povos buscam significar o seu modo de viver e se reacionar.

7. REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; NUNES, Nina Lys. Tecendo a tradição e valorizando o conhecimento tradicional na Amazônia: o caso da “linha do tucum”. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 38, p. 15-43, 2012.

ALBUQUERQUE, Jadson; NASCIMENTO, Antônio Arthur Cruz do. Territorialidade cultural em tempos de globalização: uma análise da atuação do estado e de centros culturais. **Revista Geografia e Pesquisa**, Ourinhos, v. 9, n. 1, p. 61-65, 2015.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faixinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas**. 2. ed, Manaus: PGSCA–UFAM, 2008a.

ARRUDA, Joari Costa. **Conhecimento ecológico, usos e manejo de palmeiras pelos Quilombolas de Vila Bela da Santíssima Trindade, Mato Grosso, Brasil**. Monografia. Cáceres, Mato Grosso, Brasil, 2013.

BACELAR, Lima; Christinny Giselly; MENDONÇA, Maria Silvia de; BARBOSA, Tereza Cristina. Morfologia Floral de uma População de Tucumã, *Astrocaryum aculeatum* G. Mey. (Arecaceae) na Amazônia Central. **Acta Amazonica**, v. 36, n. 4, p. 407-412, 2006.

BALZON, Dalvo Ramires. **Avaliação econômica dos produtos florestais não madeiráveis na área de proteção ambiental – APA de Guaratuba – Paraná**. 176f. Tese de doutorado (Ciências Florestais) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

BARLOW, Jos; SILMEIRA, JULIANA M; MESTRE, Luiz A M; ANDREADE, Rafael B; D’ANDREA, Gabriela Camacho; LOUZADA, Julio; MELLO, Fernando Z Vaz de;

NUMATA, Izaya; Iacau, Sébastien; COCHRANE, Mark A. Wildfires in Bamboo-Dominated Amazonian Forest: Impacts on Above-Ground Biomass and Biodiversity. **PlosOne**, v. 7, n. 3, 2012.

BENTES GAMA, Micheline de Matos. **Importância de produtos florestais não madeireiros (PFNM) para a economia regional**. Circular técnica, Poro Velho: EMBRAPA, 2005.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari, K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto, Portugal: Porto Editora, LDA, 1994.

BONY, Emile; BOUDARD, Frédéric; BRAT, Pierre; DUSSOSSOY, Emilie; PORTET, Karine; POUCHERET, Patrick; GIAIMIS, Jean; MICHEL Alain. Awara (*Astrocaryum vulgare* M.) pulp oil: Chemical characterization, and antiinflammatory properties in a mice model of endotoxic shock and a rat model of pulmonary inflammation. **Fitoterapia**, v. 83, p. 33-43, 2012.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Bioeconomia da floresta: a conjuntura da produção florestal não madeireira no Brasil**. Brasília: MAPA/SFB, 2019.

BRASIL. Decreto s/n de 6 de novembro de 1998. **Cria a Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, nos Municípios de Santarém e Aveiro, no Estado do Pará, e dá outras providências**. Brasília: Presidência da República, 1998.

CARVALHO, Luciana Gonçalves de. (Pesquisa e texto). **Traçados do Arapiuns**. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2004.

CEAPS-Projeto saúde e alegria. Centro de Estudos Avançados de Promoção Social e Ambiental: **prazer em conhecer**. Santarém: CEAPS, 2010.

CEAPS. Centro de Estudos Avançados em Promoção Social e Ambiental; PSA. Projeto Saúde e Alegria et al. Anã: **Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns**. Santarém: Prazer em Conhecer/Amazônia Vive, 2011.

CEAPS. Projeto saúde e alegria. Centro de Estudos Avançados de Promoção Social e Ambiental. **Prazer em conhecer são Miguel**. Santarém – Para. 2012.

CEAPS. Projeto saúde e alegria. Centro de Estudos Avançados de Promoção Social e Ambiental. **Almanaque da reserva extrativista Tapajós-Arapiuns: prazer em conhecer**. Fábio Pena (organização). Giuliana Henriques. Santarém, 2015.

CRUZ, Tereza Almeida. Mulheres da floresta do vale do Guaporé e suas interações com o meio ambiente. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 18, n. 3, p. 913 - 918, 2010.

CYMERYS, Margareth Tucumã-do-pará *Astrocaryum vulgare* Mart. In: SHANLEY, P.; MEDINA, G. (Eds). **Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica**. Belém: CIFOR, Embrapa Amazônia Oriental, Imazon, 2005. p.75-83.

DANTAS, Eugênia Maria; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Território e territorialidade**: abordagens conceituais. [s.l.]: Universidade Estadual da Paraíba/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008. Disponível em: http://www.ead.uepb.edu.br/ava/arquivos/cursos/geografia/organizacao_do_espaco/Org_Esp_A07_I_WEB_SF_SI_050805.pdf. Acessado em Out de 2020.

ELIAS, Guilherme Alves; SANTOS, Robson dos. Produtos florestais não madeireiros e valor potencial de exploração sustentável da floresta atlântica no sul de Santa Catarina. **Ciência Florestal**, Santa Maria, v. 26, n. 1, p. 249-262, 2016.

ELIAS, Guilherme Alves. **Produtos florestais não madeireiros da mata Atlântica no Sul de Santa Catarina**. 87f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais). Universidade do extremo sul catarinense. 2013.

FERNANDES, Karina Ribeiro; ZANELLI, José Carlos O Processo de Construção e Reconstrução das Identidades dos Indivíduos nas Organizações. **RAC**, v. 10, n. 1, p. 55-72, 2006.

FERREIRA, Ederlan de Souza; LUCIEN, Vitória Georgina; AMARAL, André Siqueira; SILVEIRA, Catia da Silva. Caracterização físico-química do fruto e do óleo extraído de tucumã (*Astrocaryum vulgare* Mart.). **Alimentos e Nutrição**, v. 19, n. 4, p. 427-433, 2008.

FIEDLER, Nilton Cesar; SOARES, Thelma Shirlen; SILVA, Gilson Fernandes da. Produtos Florestais Não Madeireiro: Importância e Manejo Sustentável da Floresta. **Ciências Exatas e Naturais**, v. 10, n 2, p. 264-278, 2008.

FAO. Food and Agriculture Organization of the United Nations. **Global Forest Resources Assessment 2015 How are the world's forests changing?** Rome: FAO, 2015. Disponível em: <http://www.fao.org/3/a-i4793e.pdf>. Acesso em 5 jan. 2020.

GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, Vozes, 1997, 366 pp. **Revista de Antropologia**, v. 41, n. 2, São Paulo. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77011998000200011>.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Ana Patricia Cota; PALMIERI, Palmieri; YAMAKI, Helga. Facilitando **Parcerias Comerciais éticas com Populações Extrativistas na Amazônia**. Piracicaba: Imaflora, 2014. 36 p.

GOMES, Denise Maria Cavalcante. **História da Arqueologia Amazônica no Museu nacional: diferentes narrativas**. Educação Especial: Museu Nacional. V 33. n. 1, 2020.

GOMES, Taynara do Vale Gomes; CARDOSO, Ana Cláudia Duarte. **Santarém**: o ponto de partida para o (ou de retorno) urbana utopia. Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil. 2019.

GUERRA, Fabiola Gisela Pinto Queiroz. **Contribuição dos produtos florestais não madeireiros na geração de renda na Floresta Nacional do Tapajós – Pará**. 133f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Florestal). Universidade Federal do Paraná, 2008.

GUERRA, Fabíola Pinto de Queiroz; SANTOS, Anadalvo Juazeiro dos; SANQUETTA Carlos Roberto; BITTENCOURT, Alexandre Muzy; ALMEIDA Alexandre Nascimento de. Quantificação e valoração de produtos florestais não-madeireiros. **Revista Floresta**, v. 39, n. 2, p. 431-439, 2009.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. (Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro). 11. ed., Rio de Janeiro, RJ, 2008.

HAYNES, Jody; MCLAUGLIN, John. Edible palms and their uses. **Institute of Food and Agricultural Sciences/University of Florida Cooperative Extension Service**, 2000.

HENDERSON, Andrew. **The palms of the Amazon**. New York: Oxford University Press. 1995.

ICMBIO. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Resex Tapajós Arapiuns: Plano de Manejo**. Brasília, v. 1, 2014.

IRIAS, MARLI. **Arteanato de palha de milho em Brás Pires – MG. Trabalho Feminino e associativismo**. Dissertação de (mestrado) – Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, MG, 2016.

JATI, Thales Santos; SANTOS, Brenda Katriny Silva dos; MAGALHÃES, Alan Silva; Importância do trançado da fibra de tucumã para a mudança socioeconômica das mulheres dentro da Resex Tapajós-Arapiuns. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.

KAHN, Francis; GRANVILLE, Jean-Jacques de. **Palms in forest Ecosystems of Amazonia**. Springer Verlag, New York, 1992.

KHAN, Francis; MOUSSA, Farana. Uso y potencial económico de dos palmas, *Astrocaryum aculeatum* Meyer y *A. vulgare* Martius, en la Amazonía brasileña. In: RIOS, M.; PEDERSEN, H. B. (Ed.). **Uso y manejo de recursos vegetales**. Quito: Abya-Yala, p. 101-116. 2008.

KLAUBERG, Carine. **Potencial produtivo e de manejo de dois produtos florestais não madeireiros no contexto Amazônico** – o cipó titica (*Heteropsis* spp.) e o óleo de copaíba (*Copaifera* spp.). 146f. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Piracicaba, 2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos metodologia científica. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LEVIS, Carolina; SOUZA, Priscila Figueira; SCHIETTI, Juliana; EMILIO, Thaise; PINTO, Jose Luiz Purri da; CLEMENT, Charles R; COSTA, Flavia R. Historical Human

Footprint on Modern Tree Species Composition in the Purus-Madeira Interfluve, Central Amazonia. **PLoS ONE**, v. 7, n. 11, 2012.

LIMA, Christinny Giselly Barcelar.; MENDONÇA, Maria Silvia de; BARBOSA, Teresa Cristina Silva. Morfologia Floral de uma População de Tucumã, *Astrocaryum aculeatum* G. Mey. (Arecaceae) na Amazônia Central. **Acta Amazonica**, v. 36, n. 4, p. 407-412, 2006.

LIMA, Lucas Peranovich; GUERRA, Gutemberg Armando Diniz; MING, Lin Chau; MACEDO, Magno Roberto Alves. Ocorrência e usos do tucumã (*Astrocaryum vulgare* Mart.) Em comunidades ribeirinhas, quilombolas e de agricultores tradicionais no município de Irituia, Pará. Amazônia., **Rev. Antropol. (Online)**, v. 5, n. 3, p. 762-778, 2013.

LORENZI, Harri. **Palmeiras no Brasil: nativas e exóticas**. São Paulo: Plantarum, 1966.

LORENZI, Harri. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. 3. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2009. 384 p.

LUNA, Saymo Venicio Sales; JÚNIOR, Antônio Italcly de Oliveira; SILVA, Cristina Rejane Feitosa. **Tingimentos naturais na fibra de bananeira: uma proposta sustentável para o artesanato do cariri cearense**. Ciência e Sustentabilidade CeS | Juazeiro do Norte, v. 3, n. 2, p. 46-63, 2017.

NETO, Francisco Rosemiro Guimarães Ximenes; CRISPIM, Francisca Sandra da Ponte; BRAGA, Petrônio Emanuel Timbó. **Processos produtivos de trabalhadores rurais no extrativismo da palha de carnaúba**. Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral, Ceará, Brasil.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. Universidade de São Paulo – Brasil. **Horiz. Antropologia**, Porto Alegre, v.15, n.32, 2009.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Tradução Anton P. Carr. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, C.L.G., and CASTRO, PA., orgs. **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49- 83. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 02 de janeiro de 2020.

MEDEIROS, Thais Helena. **Redes de sociabilidade e comércio na floresta artesanais em palha de tucumã entrançam grupos e vidas nas enseadas do Rio Arapiuns em Santarém/PA**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

MEDEIROS, Thais Helena. Artesanías em Palha de Tucumã e Memória: Tecendo Territorialidade e Relações Socioculturais. **Somanlu**, v. 12, n.2, p. 151-173, 2012.

MMA. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Produtos Madeireiros e Não Madeireiros**. Brasília: MMA, 2008. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/florestas/manejoflorestalsustent%C3%A1vel/produtosmadeireiros-e-n%C3%A3o-madeireiros>>. Acesso em: 10 de jul. 2019.

MORAIS, Luiz Roberto Barbosa; GUTJAHR, Ekkehard. **Química de oleaginosas: valorização da biodiversidade amazônica**. Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil. Belém, PA: Ed. do Autor, 2012.

NASCIMENTO, André Terra; SANTOS, Aécio Amaral dos; MARTINS, Renata C; DIAS, Terezinha A Borges. Comunidade de palmeiras no território indígena krahô, tocantins, brasil: biodiversidade e aspectos etnobotânicos. **INCI**, v. 34, n. 3, 2009.

NASCIMENTO, Walnice Maria Oliveira; OLIVEIRA, Maria do Socorro Padilha. **Produção de mudas de tucumzeiro do - Pará (*Astrocaryum vulgare* Mart.) por perfilhos**. Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2011. 5 p. (Embrapa Amazônia Oriental. Comunicado técnico, 230).

OLIVEIRA, Francisca Daniele Queiroz . **Arranjo produtivo de artesanato de palha de carnaúba em itaíçaba: um estudo de caso**. Monografia apresentada à Faculdade de Economia, Administração, Atuarias, Contabilidade e Secretariado, para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas. Fortaleza Ceará. 2004.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2ª edição. Petrópolis, Rj: Vozes, p. 184. 2008.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Maria do Socorro Padilha de; COUTURIER, Guy; BESERRA Paulo. Biologia da polinização da palmeira tucumã (*Astrocaryum vulgare* Mart.) em Belém, Pará, Brasil. **Acta Botânica Brasílica**, v. 17, n. 3, p. 343-353, 2003.

OLIVEIRA, Maria do Socorro Padilha de; OLIVEIRA, Natália Padilha de; ABREU, Laura Figueiredo. **Estabelecimento de Área de Coleta de Sementes de tucumã-do-Pará para produção de frutos**. Comunicado Técnico, 225, Embrapa Amazônia Oriental Belém, 2011, 7p.

PEREIRA, Camila Maciel de Souza; ASSIS, William Santos de; SÁ, Tatiana Deane de Abreu. Extrativismo de produtos florestais não madeireiros na amazônia: conjuntura, políticas públicas e experiências. **Amazônia: Ci. & Desenv.**, Belém, v. 13, n. 23, 2016.

PESCE, Celestino. **Oleaginosas da Amazônia**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2009.

PMS. PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTARÉM. In: **Perfil do município de Santarém/PA**. Publicado em 2016. Disponível em: <http://www.nesp.unb.br/saudelgbt/images/arquivos/Perfil_Santarm.pdf> Acesso em: 25 de setembro de 2019.

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA. **Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos.** Fascículo 13 - Grupo TucumArte – Artesanatos em palha de Tucumã Santarém, agosto 2007.

REIS, Ruth; ZANETTI, Daniela. Comunicação e territorialidades: em torno do poder e da cultura. In.: ZANETTI, D.; REIS, R. (Orgs.). **Comunicação e territorialidades, poder e cultura: redes e mídias.** Vitória, ES: EDUFES, 2017. Disponível em: http://www.pgcl.uenf.br/arquivos/comunicacaoeterritorialidades.podereculturaredesemidias_011120181523.pdf. Acessado em Out de 2020.

ROCHA, Antonio Elielson Sousa da; SILVA, Manoela Ferreira Fernandes da. Aspectos fitossociológicos, florísticos etnobotânicos das palmeiras (Arecaceae) de floresta secundária no município de Bragança, PA, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.19, n.3, p.657-667, 2005.

RUFINO, João Paulo Ferreira; CRUZ Frank George Guimarães; MILLER, Mateus Plácido Mateus; MELO Ramon Duque; FEIJO, Julmar da Costa; CHAGAS, Ewerton Oliveira das. Análise econômica da inclusão de farinha do resíduo de tucumã (*Astrocaryum vulgare*, Mart) na alimentação de poedeiras comerciais. **Rev. Bras. Saúde Prod. Anim.**, Salvador, v. 16, n. 1, p. 1-9, 2015.

SALM, Rodolfo; JALLES-FILHO, Euphly; SCHUCK-PAIM, Cinthia. A model for the importance of large arborescent palms in the dynamics of seasonallydry Amazonian forests. **Biota Neotropica**, v. 3, n. 1, 2005.

SALM, Rodolfo; JARDIM, Mário Augusto Gonçalves; ALBERNAZ, Ana Luisa Kerti Mangabeira. Abundance and diversity of palms in the Sustainable Forest District of BR-163 road, Pará, Brazil. **Biota Neotropica**, v. 11, n. 3, 2011.

SCHIEL, Dietrich; MASCARENHAS, Sérgio; NORA, Valeiras; SANTOS, Silvia A. Representação Social e Percepção. In: Schiel, D. et al. (orgs.). **O estudo de bacias hidrográficas: uma estratégia para educação ambiental.** 2. ed. São Carlos: RIMA, 2003, p.21-33.

SHANLEY, Patricia; MEDINA, Gabriel. **Frutíferas e plantas úteis na vida Amazônica.** Belém: CIFOR. v. 1, p. 209-214, 2005.

SHANLEY, Patricia; GALVÃO, Gabriel. Piquiá *Caryocar villosum* (Aubl.) Pres. In: SHANLEY, Patrícia; Medina, Gabriel. **Frutíferas e plantas úteis na vida amazônica.** Imazon. p. 123-132, 2005.

SILVA, Carine Klauberg. **Potencial produtivo e de manejo de dois produtos florestais não madeireiros no contexto Amazônico – o cipó-titica (*Heteropsis* spp.) e o óleo de copaíba (*Copaifera* spp.).** 2014, 146f. Tese (Doutorado em Recursos Florestais). Universidade de São Paulo, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz.

SILVA, Gracione Rocha da. **Artesãs da Comunidade de Jacunã- BA: Uma proposta de organização da produção/.** – Feira de Santana, 2016. 88p.

SODRÉ, José Barbosa. **Morfologia das palmeiras: como meio de identificação e uso paisagístico**. Monografia. Lavras - Minas Gerais / Brasil. 2005.

STACHIW, Rosalvo; RIBEIRO, Sylviane Beck; JARDIN Mário Augusto Gonçalves; POSSIMOSER, Dalvan; ALVES, Wesley da Cunha; CAVALHEIRO, Wanderson Cleiton Schmidt. Potencial de produção de biodiesel com espécies oleaginosas nativas de Rondônia, Brasil. **Acta Amazonica**, v. 46, v. 1, p. 81 – 90, 2016.

STÉFANI, Ferreira de Oliveira; NETO, José Pereira de Moura; SILVA, Keyla Emanuelle Ramos. Uma revisão sobre a morfoanatomia e as propriedades farmacológicas das espécies *Astrocaryum aculeatum* Meyer e *Astrocaryum vulgare* Mart. **Scientia Amazonia**, v.7, n.3, CS18-CS28, 2018.

THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: história oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44. 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação; o positivismo, a fenomenologia, o marxismo**. 1 ed., São Paulo: Atlas, 2013.

VELTHEM, Lucia Hussak Van. Trançados indígenas norte amazônicos: fazer, adornar, usar. **Revista de Estudos e Pesquisas**, FUNAI, Brasília, v.4, n.2, p.117-146, dez. 2007.

APÊNDICES

Apêndice A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE utilizado em campo para a entrevistas

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidado para participar da pesquisa intitulada: *Manejo, extração, uso e beneficiamento da palha do tucumã por mulheres da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, Pará, Brasil*. Você foi selecionada para participar desse projeto devido fazer parte do grupo de mulheres que realizam trançados em palha de tucumã.

O objetivo principal deste estudo é analisar os aspectos do manejo, extração, produção e comercialização de artesanato da palha do tucumã realizado por artesãs na comunidade de São Miguel, Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns (Pará, Brasil), enfatizando a contribuição econômica, social e ambiental.

Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, tem a finalidade garantir os seus direitos e deveres como participante, será elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com as participantes da pesquisa e outra com a pesquisadora. Por gentileza, leia com atenção, tranquilidade, e caso tenha dúvida aproveite para esclarecer. Caso tenha perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com a pesquisadora. Caso você não tenha interesse em participar ou deseje retirar sua autorização, a qualquer momento, não haverá nenhum tipo de punição ou prejuízo.

Participando do estudo a senhora está sendo convidada a responder um questionário semiestruturado que fala sobre assuntos relacionadas a sua vida social, econômica, ambiental e sobre a qualidade de vida. A entrevista será realizada em uma única visita, na qual a pesquisadora se deslocará até o local de trabalho ou moradia da participante da pesquisa. Como recurso de apoio durante a aplicação do questionário é possível a pesquisadora gravar em áudio. O material produzido durante a aplicação do questionário (áudio gravado e imagens) e o roteiro de entrevista aplicado, poderão ser disponibilizados para o(a) participante da pesquisa.

Observa-se que o áudio da entrevista e as repostas prestadas durante a aplicação do questionário farão parte do arquivo pessoal da pesquisadora, o qual terão seus conteúdos analisados para produzir uma sistematização das repostas dadas com o objetivo de promover a análise das ações desenvolvidas pela pesquisada. As repostas do questionário serão transcritas na íntegra no trabalho da pesquisadora. O questionário será produzido e encaminhado após a análise das entrevistas buscando complementar as informações necessárias à pesquisa. O resultado da pesquisa será encaminhado no prazo de seis meses, após a conclusão dos resultados. A Senhora tem liberdade de se recusar a participar e ainda a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone (93) 99183- 6831, pelo e-mail: florestalandrea@gmail.com, ou no endereço: Rua Caranã, s/n, Bairro Floresta, Santarém – Pará.

Acreditamos que esta pesquisa não gere constrangimentos. Para tanto, as entrevistas serão realizadas nas suas residências (se autorizado), o qual deixará a pesquisada à vontade e onde serão esclarecidos os princípios éticos da pesquisa, dentre eles: o anonimato dos sujeitos. Caso você se sinta prejudicada pela participação neste estudo seja física, psíquica ou emocionalmente você tem o direito de não participar desta. A pesquisa será realizada durante o horário disponível da participante, em local por ela definido, portanto, não será necessário o ressarcimento de despesas com eventuais deslocamentos.

As informações coletadas serão utilizadas única e exclusivamente para a presente pesquisa e ninguém será identificado. Os riscos na participação da pesquisa podem ser a divulgação de dados distorcidos, afetando a sua imagem como membro da instituição em que você faz parte. Além disso, as perguntas do questionário podem conduzi-la a prestar informações que não são de seu interesse divulgar havendo discordância com o conteúdo da pesquisa. A pesquisa também pode causar desconforto pelo desconhecimento da temática em estudo.

Os benefícios (vantagens) de participação na pesquisa são referentes à contribuição para a produção de conhecimentos sobre a realidade socioeconômica e ambiental das artesãs de São Miguel. Além disso, os conhecimentos identificados podem contribuir para a melhoria e divulgação do seu grupo, entre os membros da sua equipe. O resultado também pode servir como fundamentação teórica que auxilie no desenvolvimento de políticas públicas para o público participantes da pesquisa no município de Santarém.

Ao final, escreverei um trabalho dissertativo sobre as contribuições e apontamentos percebidos a partir desta pesquisa. Comprometo-me a voltar, e divulgar os resultados desse trabalho no lócus da investigação.

Este estudo foi analisado e em seguida aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), e em caso de dúvida sobre os padrões éticos aplicados à pesquisa você poderá entrar em contato com este comitê. O CEP é formado por vários professores que analisam os aspectos éticos da pesquisa a fim de proteger os participantes da pesquisa. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem:

Consentimento Livre e Esclarecido

Estou ciente e me disponho a assinar esse termo em duas vias e que uma delas ficará em minha posse. Desta forma, concordo voluntariamente em participar do presente estudo, podendo retirar meu consentimento em qualquer momento da pesquisa, sem que isso traga penalidade ou prejuízos algum para mim. Autorizo que utilizem, divulguem e publiquem os resultados obtidos pela minha participação neste estudo, incluindo trechos da minha fala e imagens para fins científicos.

Santarém, ____ de _____ de 2020.

Assinatura da participante da pesquisa

Eu, pesquisadora responsável, declaro que obtive de forma voluntária e ética o consentimento livre e esclarecido do participante.

Andrea Araujo da Silva - Pesquisadora
Mestranda do PPGSAQ/UFOPA

Apêndice B: Modelo de entrevista utilizado em campo com mulheres artesãs da comunidade de São Miguel, Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, Pará, Brasil.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
CENTRO DE FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE, AMBIENTE E
QUALIDADE DE VIDA

1. Dados Pessoais e de Moradia

Local: _____ Data: _____

Nome: _____

Idade: _____ Data do Nascimento _____

Cidade: _____ UF: _____

Estado civil: () solteira () casada () viúva () união estável () separada

Possui filhos? () sim, quantos? _____ () não

Quanto a Moradia: () própria () alugada () cedido.

Estrutura da moradia: () alvenaria () madeira () mista () Outra _____

Abastecimento de água: () Rede geral de distribuição de água () Poço ou nascente dentro da propriedade encanada () poço ou nascente fora da propriedade () outras formas ()

Energia elétrica: () sim () não () Outra _____

Esgotamento Sanitário: () Rede de esgoto ou pluvial () fossa séptica () Outras formas. Destinação dos dejetos: _____

2. Dados Socioeconômicos da Família

Local de origem da família: _____

Tempo estimado de residência no local: _____ ano (s)

Número de pessoas que moram na residência, incluindo o (a) Sr^a: _____ pessoas

Em relação à escolaridade da família, incluindo o (a) Sr^a:

Grau de instrução	Nº de indivíduos/Gênero

a) Quantos são analfabetos?	() M	() H
b) Quantos têm o ensino fundamental incompleto?	() M	() H
c) Quantos têm o ensino fundamental completo?	() M	() H
d) Quantos têm o ensino médio incompleto?	() M	() H
e) Quantos têm o ensino médio completo?	() M	() H
f) Quantos tem ensino superior incompleto?	() M	() H
g) Quantos tem o ensino Superior Completo?	() M	() H

3. Fontes de renda familiar

Fonte de renda principal <input type="checkbox"/> Turismo <input type="checkbox"/> Extrativismo <input type="checkbox"/> Artesanato <input type="checkbox"/> Pesca artesanal <input type="checkbox"/> Comércio <input type="checkbox"/> Agricultura familiar <input type="checkbox"/> Criação de pequenos animais <input type="checkbox"/> Serviço público remunerado <input type="checkbox"/> Direitos ou programas sociais <input type="checkbox"/> Diarista <input type="checkbox"/> Outra, Qual?	Fonte de renda complementar: <input type="checkbox"/> Turismo <input type="checkbox"/> Extrativismo <input type="checkbox"/> Artesanato <input type="checkbox"/> Pesca artesanal <input type="checkbox"/> Comércio <input type="checkbox"/> Agricultura familiar <input type="checkbox"/> Criação de pequenos animais <input type="checkbox"/> Serviço público remunerado <input type="checkbox"/> Direitos ou programas sociais <input type="checkbox"/> Diarista <input type="checkbox"/> Outra, Qual?
---	---

Onde é vendida sua produção? () Na própria comunidade para visitante? () Na própria comunidade para moradores? () Em feiras na cidade? () para mercados institucionais? () Mercado Internacional?

Outros. Quais? _____

Qual sua renda mensal? _____

Existem contribuições da família com outra renda? () Sim () Não. Se sim, quais?

A família tem auxílio financeiro do governo? () Não () Sim. Quais? _____

Quais partes da palmeira são utilizadas e para quais fins?

Quem participa da coleta e beneficiamento da palha?

Quais são as principais dificuldades encontradas no processo de desenvolvimento da cadeia do artesanato da palha em tucumã na comunidade?

ANEXOS

Anexo 1: Aprovação da pesquisa pelo Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP.

UEPA - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO PARÁ - CAMPUS
XII - TAPAJÓS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MANEJO, EXTRAÇÃO, USO E BENEFICIAMENTO DA PALHA DO TUCUMÃ POR MULHERES DA RESERVA EXTRATIVISTA TAPAJÓS-ARAPIUNS, PARÁ, BRASIL.

Pesquisador: ANDREA ARAUJO DA SILVA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 28354920.8.0000.5168

Instituição Proponente: Universidade Federal do Oeste do Pará

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.835.126

Apresentação do Projeto:

Trabalho busca analisar os aspectos do manejo da palha do tucuma realizado por artesas na comunidade de Sao Miguel, Resex Tapajos-Arapiuns, enfatizando as contribuicoes economica, social e ambiental da atividade. Para obtencao dos dados, o inventario correspondera a 100% da area com aproximadamente dois hectares. Serao coletadas informacoes ecológicas sobre os parametros: diametro a 1,30m do solo (DAP), altura total (Ht), numero de individuos com suas respectivas guias aptas e nao aptas a coleta alem dos perfilhos, tendo-se tres grupos: 1- numero de palmeiras adultas com guias aptas para colheita; 2- numero de palmeiras adultas sem guias aptas para colheita; 3- regeneracao natural. Atraves da contagem das guias coletadas determinara a producao das palhas, alem de mensurar sua massa na forma seca e umida. Para entender se diametro e altura da palmeira influencia a quantidade de producao de palha, estabelecera a relacao entre densidade das palmeiras em diferentes classes. Sera aplicado com as artesas um questionario socioeconomico levantando informacoes sobre os estabelecimentos familiares envolvendo a questao social e economica. Outro questionario abordara assuntos intrinsecos a palmeira:, seus usos, aspectos de coleta e beneficiamento dificuldades e potencialidades. Alem disso, para entender o processo de producao das pecas artesanais oriundas da palha do tucuma, ocorrera todo o acompanhamento do beneficiamento da palha ate a confeccao das pecas. Os valores da producao se dara atraves da quantificados em valores reais em moeda nacional (reais), levando em consideracao a producao de 2018. A producao sera definida a partir da viabilidade

Endereço: Av. Plácido de Castro, 1399

Bairro: Aparecida

CEP: 68.040-090

UF: PA

Município: SANTAREM

Telefone: (93)3512-8013

Fax: (93)3512-8000

E-mail: cepuepa@outlook.com

UEPA - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO PARÁ - CAMPUS
XII - TAPAJÓS



Continuação do Parecer: 3.835.126

economica da atividade, usando como indicadores a receita liquida (RL), remuneracao da mao de obra familiar (RMOF), estimada a partir da relacao entre a renda do trabalho familiar (RTF) e o numero de mulher.dia-1 (diarias) de mao de obra utilizada na coleta.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar os aspectos do manejo, extracao, producao e comercializacao de artesanato da palha do tucuma realizado por artesas na comunidade de Sao Miguel, Reserva Extrativista Tapajos-Arapiuns (Para, Brasil), enfatizando a contribuicao economica, social e ambiental.

1. Identificar as atividades de manejo, extracao e beneficiamento da palha do tucuma na comunidade Sao Miguel, Resex Tapajos-Arapiuns;
2. Inventariar as touceiras de palmeiras de tucuma existentes na area de manejo da comunidade;
3. Caracterizar o perfil socioeconomico das mulheres que trabalham com artesanato de palha de tucuma na Comunidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos são mínimos ao entrevistado e à população local. As autorizações estão em dia e a comunidade foi contactada.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante para entender quem faz o manejo e para quê. A pesquisa tem cunho social e ecológico.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os itens foram atendidos de acordo com o que preconiza a legislação vigente.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências. TCLE Projeto recomendado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Os(As) Pesquisadores(as) deverão apresentar relatórios parciais informando à este CEP sobre o andamento da pesquisa, assim como deverão apresentar um relatório final, informando se a pesquisa apresentou alguma intercorrência ética, assim como os principais resultados alcançados ao final desta investigação.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Av. Plácido de Castro, 1399		CEP: 68.040-090
Bairro: Aparecida		
UF: PA	Município: SANTAREM	
Telefone: (93)3512-8013	Fax: (93)3512-8000	E-mail: cepuepa@outlook.com

UEPA - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO PARÁ - CAMPUS
XII - TAPAJÓS



Continuação do Parecer: 3.835.126

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1497537.pdf	16/01/2020 10:47:06		Aceito
Outros	Formulario_inventario_producao.pdf	16/01/2020 10:41:48	ANDREA ARAUJO DA SILVA	Aceito
Outros	Formulario_semiestruturado.pdf	16/01/2020 10:37:52	ANDREA ARAUJO DA SILVA	Aceito
Outros	Autorizacao_mulheres_Arte_Palha.pdf	16/01/2020 10:36:42	ANDREA ARAUJO DA SILVA	Aceito
Outros	Autorizacao_Tapajoara.pdf	16/01/2020 10:35:10	ANDREA ARAUJO DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Andrea_Araujo.pdf	16/01/2020 10:32:07	ANDREA ARAUJO DA SILVA	Aceito
Outros	SISBIO.pdf	16/01/2020 10:22:41	ANDREA ARAUJO DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	15/01/2020 22:08:48	ANDREA ARAUJO DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto.pdf	15/01/2020 21:02:31	ANDREA ARAUJO DA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:


Não

SANTAREM, 12 de Fevereiro de 2020

Assinado por:
Rodrigo Luis Ferreira da Silva
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Plácido de Castro, 1399
Bairro: Aparecida CEP: 68.040-090
UF: PA Município: SANTAREM
Telefone: (93)3512-8013 Fax: (93)3512-8000 E-mail: cepuepa@outlook.com

Anexo 2: Pedido de autorização a TAPAJOARA para desenvolver a pesquisa na Comunidade de São Miguel da Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns.



TAPAJOARA

Associação das Associações e Moradores da Resex Tapajós Arapiuns
CNPJ: 03.468.333/0001-38
 outubro, nº 2595 – Lagunho – CEP: 68.040-400 – Santarém-PA
 fone: (93)991935255 - E-mail: resextapajosarapiuns@gmail.com

Pedido de Autorização

Santarém, 10 de janeiro de 2020.

Assunto: Solicitação para desenvolver projeto de pesquisa na Comunidade São Miguel na Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns

Prezada Senhora

Venho por meio deste autorizar a pesquisa como também informar e levar ao conhecimento da comunidade que a Senhora Andrea Araújo solicitou a autorização da pesquisa a baixo. Porém para a realização da mesma, solicitamos o seguinte:

- **A pesquisadora deverá entrar em contato com os grupos de artesanato na comunidade de São Miguel.**
- **Se cadastrar no SISBIO para conhecimento do órgão gestor como também da mas publicidade a referida pesquisa.**
- **Ao concluir a pesquisa solicitamos cópia do resultado.**

1. Tema da pesquisa: Manejo, extração, uso e beneficiamento da palha do tucumã por mulheres da reserva extrativista tapajós-Arapiuns, Pará, Brasil

2. Objetivo da pesquisa: Analisar os aspectos do manejo, extração, produção e comercialização de artesanato da palha do tucumã realizado por artesãs na comunidade de São Miguel, Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns (Pará, Brasil), enfatizando a contribuição econômica, social e ambiental.

3. Estratégias de coleta de dados: Com abordagens qualitativas e quantitativa a pesquisa possui o intuito de entender o processo de manejo da palha do tucumã *Astrocaryum vulgare* Mart. realizado pelas mulheres artesãs da Comunidade de São Miguel localizada na Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns. Identificar as atividades realizadas no manejo, extração e beneficiamento da palha do tucumã, a partir do inventário sobre os estoques naturais da área que corresponderá a 100%, no qual se procederá a mensuração dos números de cada touceira e informações sobre frutos, floração e guias aptas para coleta e perfílios, todos os dados coletados no lócus da pesquisa. Para entender o processo de produção das peças artesanais oriundas da palha, haverá o acompanhamento de todo o beneficiamento da palha até a confecção das peças, no qual, serão coletadas informações das quantidades, dimensões, tempo destinado e tipo de cada peça produzida, além do valor cobrado em cada uma delas, essas informações abastecem uma planilha de dados que permitirá entender as particularidades do sistema de manejo da palha, além de analisar a produção e



▶ ◀ TAPAJOARA ▶ ◀ ▶ ◀ ▶ ◀

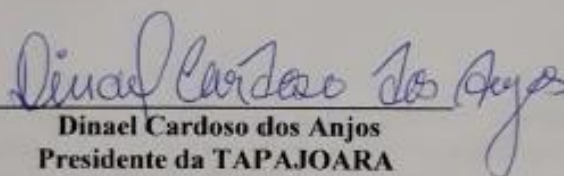
ção das Associações e Moradores da Resex Tapajós Arapiuns

CNPJ: 03.468.333/0001-38

outubro, nº 2595 – Lagunho – CEP: 68.040-400 – Santarém-PA

lular: (93)991935255 - E-mail: resextapajosarapiuns@gmail.com

o seu rendimento. Além de aplicar questionários semi- estruturado com as artesãs, contendo perguntas abertas e fechadas para caracterizar a atividade socioeconômica realizadas pelas mulheres artesãs. Na sistematização, os dados serão agrupados com o suporte programa *Excel for Windows 2010*[®], e os dados das visitas e entrevistas serão analisados de forma dissertativa/descritiva para melhor entendimento da cadeia produtiva do artesanato em palha de tucumã na comunidade de São Miguel.


Dinael Cardoso dos Anjos
Presidente da TAPAJOARA

